

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT
Cursos de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola
Linha: Combate à violência contra mulher, construção de relações de igualdade
de tratamento.
Tema: Gênero e Diversidade na Escola

Marilene Nazaré Carlos de Oliveira

**CONSTRUINDO OLHARES E APRENDIZAGENS A PARTIR DAS
RELAÇÕES DE GÊNERO: A MULHER PROTAGONISTA DA SUA
PRÓPRIA HISTÓRIA**

Belo Horizonte, 2016.

Marilene Nazaré Carlos de Oliveira

**CONSTRUINDO OLHARES E APRENDIZAGENS A PARTIR DAS
RELAÇÕES DE GÊNERO: a mulher protagonista da sua própria história.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola, pelo Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT, da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Isabela Saraiva de Queiroz

Belo Horizonte, 2016.
Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT - UFMG

CONSTRUINDO OLHARES E APRENDIZAGENS A PARTIR DAS RELAÇÕES DE
GÊNERO: A MULHER PROTAGONISTA DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

***Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania
LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.***

Profª Isabela Saraiva de Queiroz

Profª Jaiza Pollyanna Dias da Cruz Rocha

Profª Bárbara Gonçalves

Belo Horizonte, dezembro de 2016.

DEDICATÓRIA

*A Maria Isabel e Pedro,
bênçãos de Deus em minha vida, razão da busca pelo
conhecimento. Meu amor incondicional a vocês hoje e
sempre.*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a Deus pela oportunidade de avançar no
caminho do conhecimento.*

*As professoras, tutora Isabella Tymburibá, orientadoras
Sara Deolinda e Isabela Saraiva, obrigada por
contribuírem e colaborar nessa caminhada.
Proporcionaram-me novos olhares, trouxeram
encorajamento e luz ao projeto de estudo. Obrigada por
acreditar que novas experiências podem provocar
mudanças.*

*As amigas e companheiras de
profissão por compartilharem seu saber durante as aulas
presenciais e nos debates realizados na plataforma de
estudo. Inês, obrigada por ser presente.*

*Aos estudantes, conhecidos e amigos do Alto, obrigada
por permitirem que eu aprendesse com suas histórias de
vida.*

*Com amor, agradeço à minha família a compreensão e
respeito às minhas decisões.*

*Aos meus pais, Nita e Gentil, meu amor eterno. Aos meus
irmãos, obrigada pelas nossas diferenças.*

“Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”.

Simone de Beauvoir

RESUMO

O presente trabalho originou do interesse em desenvolver e aplicar atividades na sala de aula que possam favorecer a discussão sobre o gênero dentro da escola, com ênfase na compreensão das relações entre homens e mulheres buscando provocar e ampliar um olhar positivo sobre essas relações de forma a levar os estudantes e docentes a repensarem suas práticas cotidianas principalmente combatendo o preconceito e situações de violência contra a mulher, alicerçadas culturalmente ao longo do tempo. A escolha da comunidade do Alto Vera Cruz vem da experiência e contato com estudantes das diversas idades e que trouxeram à luz do fazer escolar situações que mostram o quanto as diferenças podem implicar em atos violentos principalmente contra a mulher. O contato com situações complexas de violência percebidas demonstram o quanto a questão precisa ser trabalhada e discutida urgentemente para proporcionar novas relações de convivência entre nossos estudantes e suas famílias, além de provocar nos docentes a necessidade de rever suas práticas e trabalhar em suas disciplinas a temática de gênero e a diversidade na escola. O papel dos professores é transformador e deve ser considerado como fundamental nesse processo. Por isso, o presente estudo, busca não só promover ações e favorecer a discussão da temática de gênero no interior da escola, mas também possibilitar a mudança de comportamento entre os adolescentes, assim como provocar os professores a incluírem em seus conteúdos e disciplinas a temática aqui discutida, contribuindo assim para uma educação de qualidade e de respeito às diferenças. Ao buscar parcerias e envolver os equipamentos locais abrimos a possibilidade para trabalhar em favor das políticas públicas de inclusão social, cujo governo é corresponsável por efetivar mudanças que atendam à sociedade e contribuam na formação desses sujeitos de direito, cidadãos desse território.

Palavras-chave: relações de gênero, violência, aprendizagem, Projeto de Intervenção, transformação social.

LISTA DE SIGLAS

AVC - Alto Vera Cruz

BENVINDA- Centro de Apoio à Mulher

CCAVC - Centro Cultural Alto Vera Cruz

CIAME - Centro Integrado ao Menor

CONDIM - Coordenadoria dos Direitos das Mulheres

CRAS - Centro de Referência da Assistência Social

DDM - Delegacia de Defesa das Mulheres

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMIP - Escola Municipal Israel Pinheiro

FICA VIVO - Programa do Governo de Controle de Homicídios

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IVS - Índice de Vulnerabilidade Social

LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação

NUC - Negros da Unidade Consciente

PGE - Plano Global Específico

SPVD - Serviço de Prevenção à Violência Doméstica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1.1 Apresentação	08
2 REFLETINDO SOBRE O TERRITÓRIO, A ESCOLA MUNICIPAL ISRAEL PINHEIRO E SEUS ATORES	09
3 PROJETO: CONSTRUINDO OLHARES E APRENDIZAGENS A PARTIR DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: A MULHER PROTAGONISTA DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA.....	11
3.1 Resumo do Projeto:	12
3.2 Desafios.....	15
3.3 Objetivos.....	17
3.3.1 <i>Objetivo Geral</i>	17
3.3.2 <i>Objetivos Específicos</i>	17
3.4 Referencial Teórico.....	18
3.5 Metodologias	21
3.6 Sujeitos do Processo	26
4 IDENTIDADE E DIFERENÇA: ENFRENTAMENTO ÀS RELAÇÕES DE PODER	27
5 O OUTRO COMO PONTO DE PARTIDA PARA SI MESMO: REFLEXÕES SOBRE O PRNCÍPIO DA IGUALDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS.....	38
ANEXO I	38
ANEXO II	39
ANEXO III	41
ANEXO IV	43
ANEXO V	57
ANEXO VI.....	61
ANEXO VII.....	64

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Essa proposta vem contemplar a promoção de atividades pedagógicas de acordo com um currículo que permita refletir sobre as diferenças sociais e culturais, ao mesmo tempo em que dialogue com a comunidade local, inclusive com os equipamentos existentes no território. A temática está voltada para as diversas situações presenciadas e os relatos ouvidos de nossos estudantes que apontam para a responsabilidade em refletir sobre as relações de gênero dentro do espaço escolar. Sendo assim, a fim de alcançar o objetivo proposto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso foca na apresentação de um Projeto de Intervenção Pedagógica a ser desenvolvido no próximo ano na Escola Municipal Israel Pinheiro (EMIP).

O presente estudo está organizado em três momentos distintos e complementares.

Na primeira parte, explica-se o fator que motivou a realização da presente pesquisa. A argumentação parte da constatação de que há um grande desafio para a toda a sociedade civil e política, no sentido de valorizar aprendizagens transformadoras que afetem o comportamento dos sujeitos de forma a construir uma sociedade capaz de intervir, mudar e alterar o curso do ciclo de violência perversa que muitas vezes encontra-se silencioso no fazer social.

No segundo momento, apresenta-se a ideia de execução do Projeto de Intervenção: “Construindo Olhares e Aprendizagens a partir das relações de Gênero: A Mulher Protagonista da sua Própria História” com a intenção de viabilizar para as crianças, adolescentes, jovens e adultos situações reflexivas sobre a violência e desigualdades, permitindo a formação de sujeitos capazes de agir no meio social com valores voltados para a equidade das relações e construções de formas de conviver adequadas ao nosso tempo. O desafio diante de um tema tão relevante é envolver, seduzir e convencer a comunidade escolar a tomar para si todo o processo de execução da proposta. Na sequência, é importante discutir as relações de dominação que desencadeiam relações de poder tão características que inferiorizam nossas mulheres.

No terceiro momento reforçamos o papel do professor nesse processo de formação do indivíduo, discutindo os padrões de identidade e preconceitos colocados nesse momento histórico. É importante sensibilizar os gestores e a comunidade escolar sobre a importância de se trabalhar com o tema das relações de gênero, de visualizar os processos de violência inseridos na comunidade, e repensar como a escola atua na construção da identidade de gênero de seus alunos.

Nas considerações finais, busquei refletir e expor os benefícios da realização do Projeto de Intervenção. Considerando a publicação das Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, 2015, o qual aponta em seu conteúdo direções para o trabalho dos professores nas escolas, assim como o compromisso em se construir formas de educar mais justas e comprometidas com bem estar social de todos os indivíduos, independente de raça, sexo, gênero, o que ajuda a estabelecer um caminho para a escola. Acredito que esse movimento implica em mudanças no fazer educacional que está de acordo com as possibilidades de efetivar políticas públicas permitindo a inserção do sujeito num processo real de desenvolvimento humano, respeitando as diferenças e o desenvolvimento da sociedade.

Enfim, nos anexos, propomos ao professor a oportunidade de avaliar e pensar em atividades para desenvolver, durante o ano letivo, a temática. Sugerem-se algumas aulas sobre as relações de gênero, pesquisadas em diversos sites educativos, assim como a indicação de artigos, filmes e estudos que possam ajudar os profissionais da educação nessa reflexão.

2 REFLETINDO SOBRE O TERRITÓRIO, A ESCOLA MUNICIPAL ISRAEL PINHEIRO E SEUS ATORES.

O contexto escolar instiga o docente a aprender a desenvolver seus conteúdos e trabalhar a realidade de modo atual. A escola municipal escolhida está inserida numa comunidade que nos provoca a todo o momento pela sua diversidade cultural, social e religiosa. Na construção da noção de cidadania, percebe-se um grau de intolerância com relação ao que é diferente aos olhos das relações ali alicerçadas, pois muitas são as atitudes de intolerância e incompreensão em relação ao outro que os torna iguais ou diferentes. Contudo, quando confrontados com algumas questões, tais como, relações de gênero, raça, orientação

sexual, classe entre outros; apresentam os mais diversos comportamentos e atitudes deixando aberta a possibilidade para repensar e debater as relações de poder ali existentes.

Assim como Costa (2015), em seu artigo, aponta para a necessidade de discutir o conceito de Liberdade e Igualdade, refletindo sobre suas origens, condições e contextos nos quais se estabelecem, percebemos a necessidade de se pensar sobre o território aqui analisado. Há um índice não oficializado que nos aponta para o grande número de vítimas, em sua maioria mulheres, que sofrem os mais diversos tipos de violência por parte de seus parceiros, maridos e parentes, chegando até a óbito. Exemplo disso, que há aproximadamente dois anos uma jovem mulher foi assassinada por seu ex-parceiro enquanto trabalhava numa carrocinha de cachorro quente no bairro. O fato gerou uma grande comoção na comunidade, contudo, muitas pessoas, inclusive do sexo feminino, não conseguem visualizar como essas situações chegam a esse ponto. É possível ainda, detectar na fala de alguns grupos, dizeres e comportamentos preconceituosos, intolerantes e incompreensíveis com relação à orientação sexual, que estão arraigadas nas relações e princípios culturalmente construídos nesse local ao longo do tempo, envolvendo um modo de ser social que exclui outras construções. Sendo assim, trabalhar a noção de cidadania é fundamental para variar o olhar sobre o prisma que muda e se reflete o tempo todo.

Com relação às formas e modos de interpretar os princípios de equidade e liberdade no contexto da comunidade escolar, é necessário proporcionar aos professores e alunos, através de leituras, discussões e estudos a perspectiva de observar esses conceitos dentro de um sistema de significação, construídos e produzidos a *maneira de*. Ou seja, se estabelecem em termos das relações sociais a partir de conceitos de poder e hegemonia, que ganham significado dentro de um sistema simbólico no qual adquirem sentido. Na escola fazer parte de um grupo ou de outro gera significado imediato e pode ocasionar conflitos. Exemplo são os grupos que veem as meninas como objetos de prazer embasados em atitudes machistas. Tais situações, nem sempre são trabalhadas nas devidas proporções, pois envolvem outros atores, como professores, coordenadores, direção e pais que trazem em seu *ser pronto* um conjunto de valores que demonstram o que elas são tanto pessoal quanto profissionalmente e/ou através de suas diversas relações com os outros. Caracterizando assim as construções sociais, culturais, políticas e religiosas, que os impede, ou limita na maioria das vezes, de conduzir o processo conflituoso de forma a gerar possibilidades de repensar suas ações pelos grupos envolvidos.

Conforme Silva (2014) nos chama a atenção com relação ao conceito de poder, que assinala as relações de poder como excludentes e capazes de estabelecer uma fronteira

política que implica na construção de uma comunidade política resultante do processo hegemônico que determina um modo de ser da sociedade que exclui novas possibilidades de construção.

Para o estudante buscar sua liberdade de expressar, seus desejos e interesses, é preciso que vença outras barreiras na construção de sua cidadania, o que envolve direitos básicos, como oportunidades, acesso à renda e condições sociais que o retire da carência, da desigualdade social alicerçada e consolidada nas favelas e periferias. Muitas vezes o olhar antes de esbarrar na condição de ser feminina, toca na desigualdade do processo humano no qual as mulheres encontram inseridas. Nesse sentido, precisam lutar por seus direitos num contexto coletivo, mas sem ferir seus interesses individuais.

Vale ressaltar que é necessário proporcionar formas de exercer a cidadania que levem nossos alunos (sujeitos e cidadãos) a refletirem sobre suas demandas individuais dentro de um contexto de construção de identidade coletiva, muito próximo ao que Mouffe (1992) coloca sobre a formação de cidadãos democráticos radicais no contexto dos movimentos de mulheres, trabalhadores, negros, homossexuais, ecológicos entre outros, que favoreça a interpretação dos princípios da liberdade e igualdade em consonância com a formação do "nós", não almejando estabelecer uma mera aliança entre os interesses, mas de não aceitar que alguns direitos existentes se constituam sobre a exclusão ou subordinação dos direitos de outras categorias. Ou seja, essas identidades devem primeiro ser desconstruídas para que alguns novos direitos possam ser reconhecidos. Eis o desafio da comunidade escolar hoje, que implica gestores, professores, funcionários, pais, alunos, equipamentos do território e lideranças comunitárias numa relação que não é neutra. Faz-se necessário estarmos atentos sobre quando, como e quem deve fazer acontecer às discussões sobre as relações de gênero no interior da escola.

É possível verificar a presença de educadores que acreditam e estão interessados em refletir sobre essas temáticas numa perspectiva mais democrática, buscando trabalhar a diversidade como forma de ressignificar a realidade.

3 PROJETO:

Nesse item, apresentamos uma proposta de trabalho para desenvolver as atividades sobre a temática das relações de Gênero na EMIP.

TÍTULO: “Construindo olhares e aprendizagens a partir das relações de gênero: a mulher protagonista da sua própria história”.

3.1 Resumo do Projeto:

Esse projeto tem por objetivo a construção de uma proposta de trabalho que esteja de acordo e em equilíbrio com um currículo que zele e dialogue com a comunidade escolar sobre a construção de uma sociedade democrática e comprometida com o conhecimento construído a partir das demandas sociais, em especial a da diversidade cultural e de gênero. Ao falarmos sobre um Projeto de Intervenção Pedagógica, é imprescindível discutir as prioridades da construção do currículo escolar. É preciso refletir sobre a importância de aliar teoria com a prática nas ações desenvolvidas no interior da escola, visando garantir uma aprendizagem e educação de qualidade para os nossos estudantes.

Dessa forma, nenhuma proposta terá alcance junto à comunidade local se não for abraçada primeiramente pelos gestores e comunidade escolar (diretores, coordenadores, professores, funcionários, pais e alunos). Não poderia ser diferente, já que será necessário colocar todos esses atores em parceria para dialogarem e gerarem conhecimento a partir da interação direta com o tema proposto, discutindo as relações de gênero com foco na construção de novas relações baseadas na equidade de tratamento e respeito às diferenças, de forma a contribuir para o fortalecimento do papel da mulher e garantir o acesso a políticas que ajudam a coibir a violência, em especial, a que envolve meninas, adolescentes e mulheres desse território em particular.

O bairro Alto Vera Cruz, localizado na região leste de Belo Horizonte, área densamente habitada – mais de 30.186 habitantes segundo o Plano Global Específico (PGE) da Urbel e o Censo do IBGE, 2010. A região, que apresenta elevado Índice de Vulnerabilidade Social – (IVS) e baixo Índice de Desenvolvimento Humano – (IDH), um dos mais baixos da cidade, é também marcada por intensa violência, causada principalmente pelo uso e tráfico de drogas. Nesse espaço ocorrem inúmeras situações de violência contra mulher, inclusive homicídios. Em formação na Regional Leste de BH foi possível perceber que boa parte dos atendimentos prestados pela Polícia Militar de Minas Gerais no território envolve

situações de gênero, tendo constituído um grupo para atender esse tipo de ocorrência, Serviço de Prevenção à Violência Doméstica (SPDV).

Em conversa com nossos discentes, sempre é possível perceber a violência doméstica, porque a maior parte dos estudantes conhece, sabe por ouvir dizer ou até mesmo presenciou e/ou participou de situações onde as mulheres são tratadas de forma violenta e desigual. Isso sem contar a responsabilização das mulheres com relação à função e obrigação de cuidar do núcleo familiar, filhos, casas, trabalharem fora, lutarem pelos direitos e interesses familiares, entre outros. Uma parcela significativa cumpre a função de ambos os sexos já que criam os filhos sem o apoio e ajuda financeira dos pais das crianças, muitas vezes com a ajuda de outra mulher, a avó que acaba por completar e estabelecer um círculo vicioso que acompanha inúmeras famílias. Não só esses desafios familiares, mas a convivência diária com formas injustas/equivocadas de tratamento, alicerçadas há décadas, assim como lidar com condições de tratamento que acabam inferiorizando as mulheres diante de escolhas, que vão desde seus parceiros, até as funções profissionais. Nesse sentido faz-se **urgente** uma intervenção pedagógica por parte da escola, que reconhecendo seu papel de formadora de opinião e responsável por trabalhar a favor da construção de uma sociedade mais justa, pode e deve intervir nesses processos socialmente construídos.

A instituição escolar é parte integrante dessa comunidade, sendo assim, é capaz de provocar práticas escolares que venham a discutir tais situações e possibilitar não só a reflexão sobre a temática, mas a mudança de comportamento por parte de todos os seus partícipes: estudantes e suas respectivas famílias, bem como grupo de amigos. Lutar contra as práticas diárias que acabam por reforçar o binarismo de gênero, hierarquias e desigualdades no tratamento dos indivíduos de acordo com o sexo ao qual eles pertençam.

Nesse contexto, a EMIP pode e deve ser promotora de boas práticas sociais. Ao longo de sua história, construiu uma relação de intensa parceria com sua comunidade e conta com inúmeros projetos, como o Programa Escola Aberta (PEA). Antes de ser adotado como política pela Secretaria Municipal de Educação, a escola já promovia interação com a comunidade nos finais de semana. Permitia que os moradores da comunidade usassem o espaço escolar para promoverem ações de lazer, jogos e realização de encontros, entre outros. Hoje a Escola Integrada (EI), o Projeto Família-Escola-Família, Projeto (EJA Juvenil), o PSE (Programa Saúde na Escola) completam suas ações. Possui uma comunidade escolar atuante, podendo contar em diversos eventos com a participação dos alunos, professores, funcionários, coordenação e direção. Ainda é tímida a participação da família. Porém, o número de responsáveis pelos alunos tem crescido sensivelmente a partir da expansão do primeiro e

segundo ciclos de aprendizagem. A escola, conta ainda, com uma organização comunitária significativa, composta pelos diversos equipamentos e líderes locais que há décadas atuam no território.

Existe uma rede local articulada pelo Programa BH Cidadania, coordenada pelo Centro de Referência da Assistência Social – Alto Vera Cruz (CRAS - AVC), onde são realizadas reuniões mensais com várias entidades da comunidade a fim de identificar e pensar soluções coletivas para as demandas apresentadas, em especial às famílias de nossos alunos; além de atender grupos de mulheres de todas as idades buscando fortalece-las. É nesse ambiente de constantes parcerias que podemos promover ações que atinjam um número significativo de moradores, propiciando a realização de debates, seminários, rodas de conversa e cine debate para tratar da temática da relação de gênero, entre outras. Existem outros equipamentos presentes no território que serão de grande importância na execução e multiplicação da proposta¹. O Conceito relacional de gênero, que é uma estrutura de

1- a) Centro Cultural Alto Vera Cruz, pertencente à Fundação Municipal de Cultura que, desde a sua fundação, vem assumindo junto à comunidade o desafio de promover as ações culturais no território. Para tanto, conforme documento referente aos Centros Culturais de Belo Horizonte, propõe trabalhar focando os seguintes objetivos: a) disponibilizar acervos bibliográficos e outros suportes de leitura, conhecimento informação, com vistas a promover e desenvolver, junto ao público, a capacidade de interpretar o mundo e exercer, em sua plenitude, os direitos culturais; b) promover debates e reflexões, difundindo informações sobre temas contemporâneos que inter-relacionem cultura, como a questão da cidadania, compreendida como o exercício pleno dos direitos civis, políticos, econômicos e culturais, tendo em vista a promoção do desenvolvimento humano; c) oferecer oportunidades de formação artística e cultural às comunidades situadas no entorno dos centros culturais, por meio de oficinas de sensibilização e iniciação às artes. (CENTROS CULTURAIS DE BELO HORIZONTE. Fundação Municipal de Cultura - Diretoria de Bibliotecas e Centros Culturais. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 10 de outubro de 2011. b) Por fim, procura refletir e avaliar os programas, projetos, atividades e ações dos centros culturais locais, de forma participativa, a fim de corrigir rumos, promover a qualificação contínua das ações e aperfeiçoar as políticas de descentralização cultural do município. O CCAVC encontra-se no limite do Bairro Alto Vera Cruz com o Taquaril e nos últimos 17 anos vem tentando agregar ações junto às comunidades citadas.

b) O Centro de Referência e Assistência Social - CRAS - com já citado, unidade pública da Assistência Social, oferta serviços e ações e possui a função de gestão territorial da rede de assistência social básica, promovendo a organização e a articulação das unidades a ele referenciadas e o gerenciamento dos processos nele envolvidos. Oferece atividades continuadas que objetivam a melhoria da qualidade de vida da população, com ações focadas no atendimento das necessidades básicas. Esses serviços buscam o fortalecimento de vínculos sociais e familiares para superação das vulnerabilidades e melhoria da qualidade de vida do cidadão. Na Comunidade do Alto Vera Cruz e Taquaril, representa o diálogo entre os diversos equipamentos, instituições e moradores, já que organiza fóruns de discussões sobre todos os tipos de demandas apresentadas pela Rede, servindo como parceiro em inúmeras ações, principalmente as que envolvem a educação e a cultura.

c) Importante papel tem o Centro Integrado ao Menor - CIAME, também conhecido como Ciame-Flamengo, que acolhe jovens, crianças e adolescentes, oferece cursos diversificados para esses públicos, além de lazer e alimentação aos seus usuários. O público é assistido junto com seus familiares e também com seus padrinhos. Os alunos que são apadrinhados recebem ajuda de custo. Criado por um grupo de pais, hoje pertence à Prefeitura de Belo Horizonte. Em conversa com os moradores, muitos são os adultos, acima de 40 anos, que frequentaram o espaço quando criança e mantém, ainda hoje, um intenso contato com o equipamento, valorizando e apoiando suas ações.

d) O Fica Vivo - Programa do Governo de Controle de Homicídios, criado em 2003, objetiva intervir na realidade social antes que o crime aconteça, diminuindo os índices de homicídios e melhorando a qualidade de vida da população. O programa faz acompanhamento especializado e oferece diversas oficinas culturais, esportivas, profissionalizantes e de lazer para jovens de 12 a 24 anos em situação de risco social e residentes em áreas que concentram indicadores elevados de homicídio. Entre seus objetivos, pode-se citar a prevenção da criminalidade, facilitando a circulação dos jovens e o acesso aos serviços e aos espaços públicos. Além disso, visa garantir o acesso ao esporte, lazer, cultura e formação profissional. Atua como mediador em conflitos e rivalidades, permitindo a criação de espaços de discussão para a resolução de problemas. Assim como os demais equipamentos citados, tem cadeia cativa na rede de discussão sobre as demandas no território.

e) Um dos grupos culturais atuante no território é o Grupo Cultural Negros da Unidade Consciente - NUC criado em 2003, tem como princípio a arte, a cultura negra, a tecnologia e o hip hop. O equipamento possui uma atuação significativa no território, promove palestras, debates, exibição de documentários e oferece shows artísticos. Integram junto com outros equipamentos, a função de promover a formação, difusão e circulação dos bens culturais.

f) O Museu Ponto de Memória Taquaril, sob coordenação do sr. Wellington Pedro, local de constante debate sobre a memória da população e das histórias ali construídas. O Museu também está inserido na Rede de colaboradores e parceiros que trabalham em prol dos direitos a cidadania.

dominação simbólica, considera as relações de poder entre homens e mulheres e indica que os papéis e as subjetividades de ambos são construções sociais, abrangendo dimensões psicológicas, sociais e culturais das múltiplas feminilidades e masculinidades.

Novos posicionamentos e olhares podem e devem ser construídos a partir de intervenções possíveis no interior das instituições escolares. Quando os educadores, em diferentes locais de trabalho, privilegiam ou reforçam determinados tipos de valores em detrimento de outros e acabam por reafirmar práticas perversas que diferenciam os sujeitos em suas especificidades e essências. Nesse sentido, debater junto ao grupo a adoção do Projeto de Intervenção, reiterando sobre a importância da proposta é o primeiro desafio a ser vencido de modo a priorizar no currículo escolar as estratégias de combate a toda forma de preconceito, discriminação ou violência. A própria Secretaria Municipal de Educação (SMED) de Belo Horizonte vem trabalhando, através de formação de professores, as diretrizes para as Relações de Gênero com intuito de capacitar docentes a desenvolverem esse conteúdo nas escolas do município.

3.2 Desafios:

Os objetivos que este pré-projeto nos apresenta são: provocar a discussão e incentivar a reflexão sobre o papel da mulher e as questões sociais que levam à violência e desigualdade sexual e de gênero; possibilitar o acesso às políticas públicas e aos equipamentos que trabalham atualmente para garantir o direito de mulheres; incentivar nossos estudantes a repensarem suas atitudes dentro e fora da escola no que diz respeito às relações de gênero alicerçadas no interior de seus lares; proporcionar o trabalho coletivo entre os docentes que deverão adotar a proposta como parte do currículo da escola de acordo com as orientações da SMED para a Diversidade Cultural e de Gênero, lidando com a naturalização de alguns comportamentos que geram diferenças.

Para assumir esses desafios será necessário buscar estratégias para promover reuniões de coletivos diversos para conhecimento, análise e avaliação do desenvolvimento da temática.

g) A Igreja Nossa Senhora Aparecida uma das mais antigas do bairro, possui um número significativo de grupos de oração e diversas ações religiosas, cujo fim é trabalhar bem próximo aos moradores em suas diversas necessidades. Com a colaboração e parceria de alguns dos equipamentos acima tem se aproximado dos jovens e realizado proposta referente à prevenção ao uso de drogas no espaço escolar.

Nesse sentido algumas iniciativas podem ser adotadas, como: desenvolver o referido tema desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, produzir material didático, sugerir formas de intervenção; promover encontros para troca de experiências entre os professores; valorizar todas as atividades relativas ao assunto tratado, criando murais permanentes sobre o tema, jornal falado, notícias na rádio da escola, concursos para criação de ideias artísticas, semana de poesias, criação de vídeos/depoimentos, exposição de arte com pinturas sobre o cotidiano feminino e as violências introjetadas e existentes no local; buscar condições para realizar a formação dos professores, já que os tempos escolares estão previamente distribuídos e organizados. Sugerir, nesse sentido, a formação através da utilização da verba do Projeto de Ação Pedagógica (PAP) que prioriza o desenvolvimento profissional do professor.

Esses momentos de encontros poderão também servir para discutir a dinâmica da sala de aula, as atividades a serem desenvolvidas, repensar como tratamos meninos e meninas desde a infância de forma diferente o que dificulta ações futuras e avaliar processualmente o projeto; levar em consideração as contribuições nas diversas áreas do conhecimento e incentivar o estudo também através das artes com produção de esquetes que envolvam momento de discussões sobre situações do cotidiano e como essas situações de violência estão de certa forma naturalizadas, proporcionando a desconstrução de ideias alicerçadas historicamente.

De acordo com Ribeiro (2015), o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola deve ser a culminância de um trabalho coletivo, democrático, dialógico e participativo. Sabemos que não é fácil mobilizar a comunidade educativa para planejar suas ações, discutir e buscar soluções para seus problemas. Para tanto, aponta que devemos considerar que o princípio da diversidade vale também para as questões de planejamento, portanto, não estabelecer um caminho único para a realização da proposta.

São necessárias sugestões que sejam desenvolvidas de comum acordo no interior das escolas. É nesse sentido, que os projetos devem desafiar o cotidiano escolar, trazendo à pauta do dia, questões relevantes para o processo de desenvolvimento social. Para tanto, pode-se indagar sobre algumas questões: Como a escola tem abordado a questão da diversidade no cotidiano escolar? Por que é importante planejar ações na instituição escolar? Quais as dificuldades principais que precisam ser enfrentadas para viabilizar este processo? De que maneira a comunidade escolar tem pensado e vivenciado a temática das relações de gênero e a diversidade em seu território?

Atualmente, a escola tem se mostrado esvaziada de seus sentidos, sem um projeto político pedagógico que realmente contemple a diversidade como ponto para a construção de uma sociedade justa; sem um programa de formação estruturado, que ultrapasse os poucos esforços de alguns grupos, que importem com o sujeito desde a construção dos valores em família até o comprometimento do desenvolvimento social e profissional dos sujeitos. Esta situação fragiliza a eficácia das instituições de ensino diante de tantas demandas colocadas na ordem do dia. Contudo, é inevitável não perceber a importância que a escola possui junto aos sujeitos sociais já que todos passam pelo seu véu.

É diante desses apontamentos que podemos avaliar como a situação da mulher no Bairro Alto Vera Cruz nos alerta e leva a questionar as relações de gênero baseadas na desigualdade de tratamento, na violência produzida pelas relações de poder e estruturadas ao longo dos anos. Podemos perceber uma convivência natural diante da violência contra mulheres. Em alguns momentos é possível perceber nossas adolescentes sendo implacáveis contra algumas mulheres que sofreram algum tipo de violência, dizendo que a mesma mereceu aquela situação devido ao comportamento que tinha.

3.3 Objetivos

3.3.1 *Objetivo Geral:*

- Promover ações no interior da instituição e nos diversos espaços de diálogo do território, focando nos processos de violência contra a mulher e combate à desigualdade de gênero proporcionando uma mudança de comportamento e visão, bem como o estudo da temática por parte de toda a comunidade escolar e local, principalmente dos docentes e estudantes.

3.3.2 *Objetivos específicos:*

- Permitir que crianças e adolescentes de nossas escolas possam entrar em contato com discussões que as instruem a pensar as relações entre os indivíduos focando na valorização da diversidade e se posicionando de forma responsável, gerando um debate de forma interdisciplinar no interior da escola com construção de material de referência que possa ser usado por todas as áreas do conhecimento para dar continuidade ao estudo das relações de gênero. Acolher as propostas a partir de uma análise dos objetivos propostos.
- Possibilitar o conhecimento e acesso a informações e aos diversos órgãos defensores dos direitos da mulher que compõem a Rede de Enfrentamento à violência contra a Mulher, assim como das legislações vigentes com o intuito de orientar nossos estudantes acerca da existência de um sistema que trabalha contra a violência de gênero.
- Promover uma semana de combate à violência contra a mulher de forma interdisciplinar possibilitando a discussão junto à comunidade escolar e os representantes institucionais existentes nessa localidade como: CRAS, Ciame Flamengo, Centro de Saúde AVC, Centro de Saúde Taquaril, Escolas Municipais da região, Centro Cultural AVC, Igrejas e demais equipamentos locais de forma a colaborar na execução da proposta e na promoção da cidadania, fechando o Projeto e apresentando todas as atividades desenvolvidas até o momento.
- Registrar todo o processo de planejamento e desenvolvimento do Projeto de forma a avaliar as mudanças para o próximo ano, e corrigir o percurso de forma a garantir que de fato a inclusão e a permanência da discussão da temática seja parte integrante do currículo da instituição.

3.4 Referencial Teórico

É possível construir outra visão, outro olhar e formas de se relacionar na comunidade em questão?

Segundo Lopes,

“na constituição do conhecimento escolar, entram em jogo as concepções relativas ao que se entende como conhecimento legítimo, às relações de poder e aos interesses envolvidos na produção desse conhecimento, como discute a perspectiva crítica de currículo. Mas esse jogo é marcado por uma negociação entre discursos culturais em que resistência e dominação não ocupam posições fixas, nem se referem a sujeitos ou classes sociais específicas. (...) As lutas que constituem os currículos são,

portanto, simultaneamente políticas e culturais. Para entendê-las, parece-me importante compreender os discursos hegemônicos que buscam atribuir sentidos e significados fixos ao currículo e as comunidades que garantem a disseminação desses discursos. (LOPES, 2006, p. 40)”.

A referida autora aponta que esses currículos são endossados pelas comunidades epistêmicas produzindo modelos de política de currículos. Nessa perspectiva de análise, criamos currículos hegemônicos que configuram as relações sociais. Nesse sentido, é de fundamental importância a defesa da escola por um currículo que dialogue com a diversidade e as diferentes formas de ver, interpretar e relacionar com o mundo. Inclusive interferindo na cultura local, quando esses discursos geram práticas que podem criar a exclusão e violências contra os diversos atores sociais, em particular nesse projeto, a condição feminina.

Os movimentos feministas são responsáveis pelo avanço no que tange aos direitos das mulheres apresentando um alto grau de consolidação conforme legislação expressa no Caderno Secad (Henriques, Junqueira, Brandt & Chamusca, 2007), amparados em instrumentos internacionais de direitos humanos e em legislação ordinária brasileira, fortalecida a partir da Constituição de 1988. Contudo, ainda faz-se necessário compreender o processo referente ao fenômeno de violência de gênero contra a mulher, já que esse pode ser localizado e observado em diversos momentos da história com sustentação nas relações de poder constituídas ao longo dos tempos e naturalizadas culturalmente. Há um processo de silenciamento baseado nas desigualdades das relações de poder e social. Nesse sentido a legislação por si só não romperá com esse processo, portanto, é necessária a construção de possibilidades para a efetivação de uma sociedade de direitos.

“Ainda hoje, pese todas as transformações ocorridas na condição feminina, muitas mulheres não podem decidir sobre suas vidas, não se constituem enquanto sujeitos, não exercem o poder e principalmente, não acumulam este poder, mas o reproduzem, não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato controlam o poder. As pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes tocam e que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais” (COSTA, 2000, p.38).

Com base nas diversas legislações vigentes, no direito da mulher, na existência de instituições que compõem a Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, e nos avanços do movimento feminista é possível elaborar uma discussão positiva sobre questões que envolvem o cotidiano feminino, intervindo no espaço escolar e no território, à medida que reconheçam na lei e nas diversas políticas públicas, a possibilidade de construir novas

relações sociais. Focando na ampliação dos conhecimentos acerca de ações que possam conscientizar as mulheres da legalidade de seu espaço social, e ao mesmo tempo incentivando-as a experienciarem novas e possíveis formas de se relacionar, daremos um passo favorável à eliminação desse tipo de violência. A Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (1979), reforça o aqui exposto, com a seguinte afirmativa:

que a discriminação contra as mulheres viola os princípios da igualdade de direitos e do respeito da dignidade humana, que dificulta a participação das mulheres, nas mesmas condições que os homens, na vida política, social, econômica e cultural do seu país, que cria obstáculos ao crescimento do bem-estar da sociedade e da família e que impede as mulheres de servirem o seu país e a Humanidade em toda a medida das suas possibilidades. (Resolução n.º 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 18 de Dezembro de 1979, p.1).

Vale ressaltar, que Scott (1989, p.3) caracteriza gênero como “compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados.” Mostra o desenvolvimento do conceito de gênero, ao mesmo tempo em que aponta para as fragilidades em focar pesquisas que realmente levem em consideração a complexidade do termo e dos desafios em trabalhar o assunto. O desenvolvimento de estudos por parte de historiadoras feministas chama a atenção para a redefinição e alargamento das noções produzidas ao longo do tempo, elencando posições teóricas. Considera os limites e desafios em trabalhar as relações políticas, sociais e econômicas que interferem no entendimento e abordagens sobre o termo.

No que diz respeito à abordagem dessa proposta de intervenção, Scott (1989) chama a atenção para a construção do gênero associada às relações entre os sexos e da subordinação das mulheres, aponta:

O gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco. (SCOTT, 1989, p.22).

Essa afirmativa faz repensar as relações culturais existentes no bairro Alto Vera Cruz. Estudar gênero, nesse contexto, nos permite refletir não só sobre a questão de gênero como coloca Scott, mas incluir nessa discussão as relações de poder que se estabelecem a partir da

política e das questões econômicas que funcionam independentemente desse vínculo parental. Para tanto, mostra ainda, como que o conceito de gênero,

“(...) legitima e constrói relações sociais, apontando para a compreensão da natureza recíproca do gênero, da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política”. (SCOTT, 1989, p. 23).

Contudo, alerta quanto à necessidade de alinhar essas questões com as provocações históricas, que ofereçam uma formulação teórica sobre o gênero. Ainda é possível verificar o questionamento quanto ao caráter fixo e permanente da oposição binária ao tratar do pensamento feminista apontando “a recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino”, (Scott, 1989, p. 19).

De acordo com Butler (2003), os sujeitos estão regulados e formados pelas estruturas políticas e são definidos e reproduzidos de acordo com as exigências desse sistema. A autora chama atenção, mostrando que esse sistema que deveria facilitar a emancipação feminina acaba por reprimi-la. Mostra a necessidade de representar tais questões femininas plenamente na linguagem e na política. Aponta que:

o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades. (BUTLER, 2003, p. 9).

Essa proposta de trabalho dará oportunidade aos atores envolvidos de discutir e compreender parte desse processo de construção.

3.5 Metodologias

Frente à problemática e concepções apresentadas, é possível elaborar uma proposta de intervenção: “Projeto de Intervenção Pedagógica” tratando não só da violência historicamente exercida contra a mulher, independente de classes sociais e diferenças geracionais e de raça/etnia, como mostra Saffioti (2004), mas também focando nas discussões que envolvem as condições de vida das mulheres no AVC.

É possível estabelecer ações que levem essas mulheres a repensarem suas origens, condições de vida, conhecimento e acesso à Rede de Serviços públicos de defesa da mulher. Divulgando, assim, as informações sobre os meios que lhes são oferecidos para que reconheçam e enfrentem as situações de violência em que vivem.

No caso desta proposta, pretendemos levar ao conhecimento de nossas estudantes a existência de instituições que trabalham para garantia desses direitos e ao mesmo tempo sensibilizar nossos docentes a repensarem sobre as práticas que servem como suporte de manutenção dessas diferenças que geram violência.

Um dos objetivos desse trabalho é permitir que a comunidade discuta sobre essas questões, principalmente na culminância do Projeto quanto teremos o fechamento da proposta com uma semana de rodas de conversas, seminários, debates, estudos, apresentações culturais, exposição de trabalhos realizados, escrita de diários, troca entre escolas, entre outros, dentro e fora da escola e em parceria com a Gerência de Educação da Regional Leste e as políticas públicas que promovem a defesa do direito das mulheres. Tal ação permitirá olhar de novo, olhar diferente, olhar criticamente sobre as situações experimentadas por mulheres, esposas, filhas, irmãs, namoradas e companheiras no dia a dia da comunidade e da família. Debater sobre como a literatura trará subsídios para essa discussão apresentada.

Ao possibilitar a Igualdade de Tratamento e valorização do papel da mulher na sociedade, pode-se desenvolver rodas de conversa com a participação de mulheres das diversas áreas de conhecimento e atuação profissional, tais como: professoras, médicas, secretárias do lar, garis, motoristas, policiais, advogadas, engenheiras, empresárias, mulheres em cargos políticos, em cargos governamentais, jornalistas, escritoras, etc.

O produto final dessa semana poderá ser organizado e registrado de forma a subsidiar a confecção de material didático para o próximo ano com o intuito de garantir a continuidade e consolidação da proposta. Podemos montar um Portfólio contendo o desenvolvimento de cada etapa, o registro de todas as atividades desenvolvidas e apresentações realizadas durante o período, garantindo a culminância através da realização do Seminário em defesa e conhecimento dos direitos das mulheres, promovendo a melhoria das relações de igualdade de gênero no Alto Vera Cruz.

As atividades poderão acontecer em vários equipamentos da comunidade de forma a dialogar e valorizar com os diversos locais existentes, favorecendo a troca e despertando nos indivíduos o conhecimento e reconhecimento dos espaços de diálogo no território, atingindo os moradores de todas as idades e não só nossos estudantes.

A avaliação do Projeto seguirá o calendário de execução das atividades listadas no cronograma, ocorrendo durante todas as ações realizadas e subsidiando alterações no curso das etapas subsequentes até a realização do evento central, a fim de criar novas ações e estratégias para o próximo ano.

Todo esse processo reforçará a inserção nos espaços de promoção dos direitos e cidadania com o intuito de fortalecer as diferentes figuras femininas existentes no território. Vale lembrar, que as ações apresentadas pela escola só terão êxito se assumidas por todos os atores aqui citados. Tal proposta favorece o direito à educação integral de crianças, adolescentes, jovens e adultos da comunidade, concretizando o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB aponta como base para o desenvolvimento integral do sujeito: "I - o desenvolvimento da capacidade de aprender (...) e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social." e, neste caso, na valorização do outro como sujeito de direitos.

Como desdobramento, o presente projeto propõe a publicação dos textos, releases e material iconográfico produzido para e durante todo o seu desenvolvimento, bem como elaborar materiais didáticos como cartilhas com informações sobre o direito da mulher e como podemos valorizar relações de respeito, tolerância, diálogo e entendimento. Usar estratégias de comunicação para efetivar o processo de mobilização social, valorizando o aluno como meio prioritário na comunicação com a família e a comunidade. Para tanto, os estudantes servirão como protagonistas no processo de divulgação junto às famílias, parentes, amigos e vizinhos tanto das atividades da “semana de defesa do direito da mulher”, quanto nas atividades desenvolvidas na escola ao longo do ano letivo.

Será necessário compor uma equipe para organizar, planejar e executar o cronograma de atividades, encontros, bem como, os papéis de cada ator envolvido. Esse grupo poderá ser constituído por representantes da comunidade escolar e local. A proposta deve ser apresentada aos envolvidos em reunião formal e modificada de acordo com as sugestões apresentadas. O registro permanente do processo servirá para incentivar a participação de todos e reavaliar as etapas. A coordenação pedagógica tem a importante tarefa de receber as sugestões dos professores, acompanhar as atividades, aulas e oficinas. As informações e experiências exitosas do Projeto serão comunicadas através de boletins mensais, reuniões e e-mails.

Serão organizadas planilhas constando o cronograma de desenvolvimento do estudo com todas as ações elaboradas até o fechamento da proposta de trabalho, acrescentando as sugestões do grupo gestor, levando em consideração que o Projeto de Intervenção poderá

sofrer alterações que se fizerem necessárias. Serão confeccionadas e anexadas ao estudo sugestões de atividades e intervenções a serem desenvolvidas pelos professores e equipamentos locais, sem, contudo, deixar de acolher as contribuições que com certeza aparecerão ao longo do processo.

Para cada etapa sugerida na tabela abaixo será construído um quadro de acompanhamento e suporte, contendo todos os passos para desenvolver cada item, com o objetivo de informar e garantir a execução de toda a proposta. Essa reflexão será feita durante a escrita do Projeto de Intervenção. Nas planilhas constará o cronograma de desenvolvimento de cada etapa do Projeto de Intervenção com todas as ações e atividades previstas, garantindo a execução das ações propostas e subsidiando os redirecionamentos necessários a partir das avaliações realizadas em cada etapa.

Com o objetivo de conduzir a execução da proposta de forma planejada, é importante acompanhar todas as ações e etapas de forma sistemática. O monitoramento deve ser usado como ferramenta de coleta e análise das informações com a finalidade de melhorar a eficiência e eficácia do projeto. Enquanto a avaliação complementar a esse processo deve verificar o real impacto do projeto em relação à execução do que foi esquematizado no estudo.

Toda a materialidade para o Projeto será discutida junto à instituição escolar. Será feito um movimento para levantar os custos, com orçamentos segundo normas da SMED, inclusive para custear as palestras utilizando a verba do Projeto de Ação Pedagógica (PAP). Caso seja necessário, deverá ser apresentada à gestão da instituição uma planilha físico-financeira.

CRONOGRAMA 2016/2017													
ATIVIDADES		Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6	Mês 7	Mês 8	Mês 9	Mês 10	Mês 11	Mês 12
P o P r l g a a n n e i j z a a m ç e ã n o t o d o e	Apresentação da proposta para a direção da escola e Gerente de Educação da Regional Leste	X											
	Encontro com os professores e coordenadores pedagógicos; conscientização dos professores sobre a relevância e a importância	X											
	Apresentação da proposta para comunidade escolar		X										
	Sensibilização dos equipamentos locais	X	X										
	Organizar atividades em parceria com os equipamentos locais		X	X									
	Forma dos professores; palestra.												
	Execução das atividades, intervenções e ações propostas.		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Seminário			X	X			X		X			
D e s e n d a v o l v ç õ e m e n s t	Palestra para os estudantes (terceiro ciclo e EJA)				X		X				X		
	Discussão das atividades com os professores e coordenação Pedagógica		X	X		X		X					
	Semana de oficinas				X			X					
	Concursos (releituras de pinturas)						X						
	Apresentação dos trabalhos desenvolvidos							X					
	Realização do Seminário										X		
	Confecção de banners e folders												
A v a l i a ç ã o d a p r o p o s t a	Monitorar as atividades desenvolvidas.												
	Encontro com coordenadores para avaliar os desafios				X			X					
	Avaliação com os professores e receber sugestões e possibilidades de trabalho			X		X			X				
	Acompanhamento das atividades desenvolvidas		X	X	X	X	X	X	X	X	X		
	Reunião com coordenação pedagógica para avaliação das etapas desenvolvidas		X		X		X		X		X		
	Construção do portfólio como ferramenta de avaliação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
	Encontro para avaliação final											X	X
	Prestação de contas												X

FIGURA 1: Cronograma de execução das atividades do Projeto de Intervenção.

3.6 Sujeitos do Processo:

Comunidade escolar e local, com foco nos professores e alunos da EMIP: crianças, adolescentes, jovens e adultos; famílias dos estudantes, bem como participantes e profissionais dos equipamentos do território do bairro Alto Vera Cruz, Serão beneficiados pelo projeto oitocentos estudantes e, indiretamente, suas famílias e pessoas da comunidade.

A culminância do Projeto ocorrerá com a “SEMANA DE DEBATES E TROCAS SOBRE A QUESTÃO DE GÊNERO”, quando ocorrerão atividades como debates, seminários, cinema, exposição trabalhos interdisciplinar, construção de esquetes e matrizes teatral, trabalho com música, a fim de abordar as inúmeras práticas existentes no território que servem como alicerces para a desigualdade nas relações entre homens e mulheres, em parceria com as diversas entidades locais e da cidade de Belo Horizonte, de forma a fomentar um espaço aberto para trocas e apresentação de propostas que estejam alinhadas com o desafio de discutir e construir novas condições de se relacionar a partir do fortalecimento do papel da mulher.

Questões para debater com os gestores e professores: Como compreendemos a sociedade atual? Como se caracteriza o contexto social onde a escola deverá atuar? Qual o papel da escola? Que experiências ela propicia aos estudantes? Como esse tema é abordado no cotidiano escolar? Ou não é abordado? De que forma o tema das relações pode ser trabalhado em sala de aula conforme a faixa etária dos alunos? Em sua matéria, há espaço para essa discussão? Que concepções de ensino, aprendizagem e avaliação se fazem necessárias pra atingir o que pretendemos?

Esse trabalho irá dialogar na perspectiva do enfrentamento das desigualdades de gênero e da garantia do direito de meninas, adolescentes e mulheres, contribuindo para a consolidação de uma política de fortalecimento das mulheres e para a construção de uma sociedade menos sexista. Ao mesmo tempo, combater a impunidade e a omissão frente à violência contra as mulheres, através da informação e desenvolvimento de atividades que possam fortalecer o lugar da mulher na sociedade, valorizando sua história e orientando quanto às mudanças de comportamento que possam favorecer relações de igualdade de tratamento e respeito. Também pretendemos levar nossos alunos e alunas a refletirem sobre os estereótipos e paradigmas que compõem a figura da mulher, bem como perceberem o modo

como a mulher é retratada e se retrata em sua história, transformando os alicerces dessas relações.

4 IDENTIDADE E DIFERENÇA: ENFRENTAMENTO DIANTE DAS RELAÇÕES DE PODER

É possível apresentar a questão de gênero no sentido da relação homem/mulher, masculino/feminino como o binarismo mais visível no contexto escolar da instituição municipal aqui em questão. Tal situação reproduz a relação de dominação, muitas vezes vista por um grupo significativo de pessoas, como algo comum no território. Dessa forma, é possível verificar nas construções das relações sociais e políticas, situações que inferiorizam, humilham ou colocam as mulheres como objetos de uso e propriedade de outros sujeitos.

As mulheres, apesar de estarem inseridas no mundo público e político, como trabalhadoras, eleitoras e colaboradoras do desenvolvimento econômico do país, ainda estabelecem no campo privado relações de poder construídas e alicerçadas socialmente para a figura feminina no interior de seus lares. Muitas vezes inferiorizada, desvalorizadas, relegadas aos serviços domésticos, quando não violentadas ou desrespeitadas pelos familiares, companheiros, cônjuges ou namorados. Várias nem questionam a hegemonia do poder masculino na sociedade, quanto mais em seus lares. Para além desse princípio segregador, muitas adolescentes e mulheres adultas, apoiam atitudes masculinas de violência contra mulheres apontando características e adjetivos que para estas justificam os atos de violência. Como exemplo, usam frases: "é vagabunda mesmo", "mulher safada", "deu bola para outro, tem que apanhar", "olha o tamanho da saia", "não dá valor para o marido", entre outras, que perpetuam e reforçam as relações privilegiadas do poder existente. Com isso, reproduzem crenças, valores, senso comum e visões de mundo que impõem um papel inferior e secundário ao grupo feminino. Grande parte das mulheres, independente da faixa etária, não questiona as relações de poder que geram desigualdades e intolerâncias construídas pelo grupo do "nós". Não têm consciência de que as relações de poder hierarquizam um grupo em detrimento de outro. Agem como se esta situação fosse algo natural e não construído nas dimensões das relações sociais e de poder ao longo do tempo, nem normatizada culturalmente, repassando posturas, preconceitos e atitudes de geração para geração. Criam

significados que desafiam nossa realidade quando dos enfrentamentos e tomada de consciência por parte desses sujeitos femininos.

Gerar identidades que ao mesmo tempo diferenciam homens e mulheres socialmente é construir significados para a relação destes no contexto das relações sociais privilegiando e elegendo uma identidade em detrimento de outra, dando significado a essa realidade, ao mesmo tempo, que ligando a diferença e a identidade ao sistema de poder.

Em Silva (2011), percebemos a necessidade de problematizar a identidade e a diferença como parte do processo que favorece a diversidade e os diferentes tipos de grupos existentes no interior da escola. A naturalização de determinados conceitos deve ser contraposto a um resultado do mundo cultural e social fabricado no contexto das relações, sendo assim, a questão da igualdade e liberdade, da identidade e diferença possa e deva ser tratada como estreitamente ligada às relações de poder que caracterizam a sociedade e que são construídas e têm significado dentro do contexto das relações sociais de poder vigentes.

A partir daí, torna-se necessário propor estratégias e políticas públicas que visem o enfrentamento da desigualdade de gênero. Na década de 1980, ações do movimento feminista contribuíram para a judicialização dos crimes contra mulheres e a criação da primeira Delegacia de Defesa das Mulheres – DDM. Alguns avanços em termos jurídicos foram conquistados para a defesa da mulher em situação de violência e foram amparados por leis que visavam reconhecer a desigualdade de gênero e assim, garantir à mulher seus direitos e defesas. Anteriormente os crimes praticados contra mulheres eram tratados como fórum privado e não entendidos como problemas sociais e jurídicos.

É possível destacar políticas e estratégias de enfrentamento à violência de gênero relacionada às mulheres em situação de violência que se integram à dinâmica da cidade de Belo Horizonte/MG. Em 1998 foi criada a Coordenadoria dos Direitos da Mulher (CONDIM) com objetivos de elaborar, articular e executar políticas que assegurem o atendimento das necessidades específicas das mulheres. A atuação da CONDIM na execução de ações afirmativas visa o atendimento às mulheres em situação de violência de gênero. Em Belo Horizonte, as questões de gênero e a necessidade de se combater a desigualdade foram se traduzindo em políticas públicas em sintonia com os movimentos sociais das mulheres. Em 1996, essa coordenadoria, inaugurou o *Benvinda - Centro de Apoio à Mulher* que presta atendimentos psicológicos, sociais e jurídicos às mulheres em situação de violência. Nessa perspectiva, compreender e refletir sobre as instituições e equipamentos que buscam amparar e fortalecer a mulher.

A Lei Nº 11340, Maria da Penha, é um resultado do movimento feminista que aponta para a questão da desigualdade de poder. Nesse intuito, a Lei implica diretamente nas diferenças marcadas pelo gênero como uma possibilidade real de amparar a luta desse grupo, permitindo visualizar legalmente a violência contra mulheres como crime de fato, por conseguinte, precisava de outros encaminhamentos e abordagens jurídicas.

O Benvinda tem a desafiadora tarefa de apoderar e possibilitar às mulheres a construção de novas relações sociais sem vitimá-las. A autora Bertol (2014) aponta que devemos entender o gênero como uma construção social que significa as relações de poder, nesse sentido é que o Benvinda realiza seu dever todos os dias, ampliando o olhar sobre o gênero à medida que garante novas reflexões sobre a condição social da mulher.

5 O OUTRO ENQUANTO PONTO DE PARTIDA PRA SI MESMO: REFLEXÕES SOBRE O PRINCÍPIO DA IGUALDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.

Considerando este Projeto de Intervenção como ponto de partida, constata-se que ainda estamos conjugando os verbos no gerúndio: fazendo, aprendendo, mudando, discordando, entendendo, conscientizando, promovendo, provocando, compreendendo, trabalhando, intervindo. Nada está pronto, mas em movimento e mudança. Só as intervenções, ações, posicionamentos e reflexões no interior do espaço escolar poderão favorecer nosso trabalho; principalmente no que diz respeito às questões de direito concebidas atualmente com base na igualdade, não enquanto formalidade do processo, mas como condição do indivíduo.

Nesse sentido, é possível correlacionar os conceitos, como o de Educação, colocado por Candau (2012), que foca o âmbito da formação integral do sujeito e não na falsa ideia executada diariamente no contexto escolar. Atualmente, ao invés de incluir nossos discentes, favorecemos sua exclusão, alijando-os do processo de aprendizagem relacionado à questão do gênero, sob uma hegemonia perversa que impõe às instituições modelos de relações, formas de aprender e ver o mundo que devem ser repensadas e questionadas à medida que buscamos construir uma sociedade mais justa, onde o indivíduo deve e pode desenvolver suas habilidades, competências e exercer seus direitos de cidadão numa lógica ampliada. Para o autor:

(...) a educação escolar não pode ser reduzida a um produto que se negocia na lógica

do mercado; nem ter como referência quase que exclusivamente a aquisição de determinados conteúdos, por mais socialmente reconhecidos que sejam. Deve ter como horizonte a construção de uma cidadania participativa, a formação de sujeitos de direito, o desenvolvimento da vocação humana de todas as pessoas nela implicadas. (CANDAU, 2012, p.721).

Contrapondo a esse “processo que hierarquiza as condutas humanas a partir de uma identidade ou experiência tomada como padrão/norma e que concorre para a produção da desigualdade” (Silva, 2011, p. 21 e 22), devem-se produzir ações que questionem essa ideia construída ao longo dos tempos que inferioriza aqueles que se diferem.

Com base nesses estudos, alguns questionamentos devem ser feitos: como se pode falar de Igualdade com foco nas Diferenças se a Escola, como um todo, não se abre para as discussões e demandas atuais de fato? Se o grupo gestor muitas vezes caracteriza a pessoa e não o processo? Como lidar com a formação continuada dos educadores se os valores individuais e sociais estão tão arraigados? Muitas são as dúvidas, anseios e erros. Entretanto, não há tempo para cruzar os braços, pois a sociedade vive um momento de inserção nas mídias, questionamento dos valores e comportamentos que exigem um diálogo latente e contínuo.

O processo, sem dúvida nenhuma, aponta para o caminho de mudanças. Como? Quando? Onde irá acontecer? Depende de nós! Através da busca por conhecimentos e experimentação da realidade os profissionais da educação que se interessam por este assunto, poderão interferir de modo positivo e propositivo na realidade ora apresentada. O posicionamento diante das demandas sociais e pessoais dos indivíduos interfere na forma de não ferir o direito a ter direito. O hoje e o agora devem ser considerados como momentos da ação. A participação em cursos de formação, o diálogo familiar, o envolvimento na construção de propostas que facilitem discutir e falar abertamente com os estudantes sobre preconceito e discriminação, propiciará o fortalecimento do papel da mulher, protagonista de suas ações e desejos.

É necessário questionar os padrões existentes de forma a fortalecer o respeito e possibilitar a construção de novos valores. Rediscutir o currículo para todas as idades e ciclos de aprendizagem, conscientizando nossas crianças desde a educação infantil sobre a importância de desenvolver um olhar crítico e a respeitar a diversidade social. Garantir que as leis não fiquem apenas no papel, mas que encontrem suporte no currículo da instituição escolar. Focar na relação de gênero num papel de equidade de tratamento e respeito tanto para meninas quanto para meninos, evitando que a violência não seja tratada com paliativos e políticas públicas que atendam a mulher no momento em que a violação se dá, mas na

prevenção, envolvendo as áreas da saúde, educação, direito e assistência social num trabalho conjunto que começa na infância.

O tempo dessas ações é o agora, nos lares, na escola, nas relações com a comunidade, nos lugares públicos, no ato de votar, no apoio a propostas e projetos humanizadores que abarquem essas temáticas, na universidade que disponibiliza o contato com a literatura atual e a revisão de conceitos.

O princípio da equidade deveria ser gerador e sustentador do direito do cidadão. A igualdade no contexto escolar deve ter como foco a formação integral do sujeito e cidadão, levando em consideração suas particularidades, condições e sentimentos. Dessa forma, é necessário olhar o indivíduo em toda sua totalidade e oferecer a sociedade condições de participar efetivamente do processo de desenvolvimento humano que inclui todas as demandas por respeito e direito à saúde, educação, moradia, alimentação, lazer, cultura, sexualidade, formação e desenvolvimento intelectual entre tantos outros. Este é o caminho, que será alcançado através de um processo de lutas e conscientização de todos os extratos sociais e culturais.

(...) nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiar. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como natural. (LOURO, 1997,63).

Vale ressaltar as propostas já desenvolvidas na EMIP que geram valores, como a realizada com as adolescentes do sétimo e oitavo ano, envolvendo uma professora de História, outra de Arte e uma bibliotecária. O projeto chamado: "Mulher, arte e vida" buscou através da Performance, uma linguagem artística e contemporânea, romper com estigmas da suposta inferioridade das mulheres; construir na escola um ambiente de igualdade de tratamento e, não menos importante, falar abertamente sobre preconceito e discriminação. Esta atividade baseou-se no afresco do pintor Leonardo Da Vinci: A Última Ceia (1495-1497) e na releitura deste por Rodrigo Buarque, intitulado Ceia Negra. Participaram 36 estudantes do 7º e 8º anos. As alunas encenaram a Santa Ceia e produziram um vídeo, onde tiveram a oportunidade de experienciar a ocupação de um espaço que anteriormente não lhes seria possível, propiciando assim, a reflexão sobre outros espaços sociais que podem e devem ser ocupados por elas.

Para tanto, a diversidade no contexto escolar não deve ser apontada como marca para

distinguir as pessoas pelas diferentes situações em que estão envolvidas, mas para valorizar positivamente as diferenças na construção de uma sociedade particular como é o caso do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração do presente trabalho, a reflexão sobre as relações de gênero possibilitou repensar e sugerir propostas a serem adotadas pela escola com o objetivo de capacitar e envolver os professores, alunos e a comunidade escolar para inserir em sua prática conteúdos e valores que venham a contribuir para tratar da demanda sobre estas relações.

Não se pode negar que a diversidade no contexto escolar é apontada como marca para distinguir as pessoas pelas diferentes situações em que estão envolvidas. Percebe-se que as práticas sociais de normatização são produzidas e reproduzidas de acordo com os conflitos gerados. Na maioria das vezes, esses conflitos, possíveis momentos de reflexão da prática escolar, são ignorados e deixados de lado, pela incapacidade que a instituição possui de administrá-los. Muitas vezes esvaziam os mesmos de seus significados resolvendo, deste modo, a demanda de forma arbitrária. Sendo assim, vale refletir sobre as possibilidades pedagógicas para superar esse desafio.

Quando a questão é debatida em sala de aula e não escondida por debaixo do tapete, gera um processo de conscientização. Esse é o propósito do Projeto de Intervenção aqui colocado. Ampliar a discussão, favorecer a aprendizagem, aproximar docentes do tema e propiciar a reflexão por parte dos alunos, suas famílias e demais integrantes do território.

Nesse contexto diverso, a reflexão, diálogo e conhecimento podem gerar um bem social sem precedentes se realmente trabalhados cotidianamente e inclusos no currículo desde a educação infantil.

Ao atribuir parâmetros de comparação impostos pela sociedade e instituições, é possível verificar, no caso das escolas, a nítida produção dos processos de desigualdade no contexto escolar. É atribuído ao aluno, sujeito, agente e parte integrante do processo de ensino aprendizagem, características comportamentais que servem para normatizar suas relações, muitas delas envolvendo graus significativos de preconceitos e discriminação. Quando atribuímos um padrão ou norma para medir as condutas ou características dos indivíduos, reforçamos a desigualdade, ou conforme salienta Silva (2011) corremos o risco de

naturalizar, através dos processos sociais, culturais e históricos, situações que acabam por transparecer como sendo normais, contudo revelam e instauram o preconceito e a discriminação junto aos discentes e familiares.

Por isso, buscando trabalhar com as temáticas de Gênero e Diversidade na Escola, o professor, facilitador do processo ensino aprendizagem, meio para executar e desenvolver as mudanças na escola, torna-se peça fundamental do jogo, onde o objetivo principal é vencer a discriminação e o preconceito. Tal tarefa, desafiadora na atualidade, deve ser colocada na pauta do dia e questionar os currículos e os profissionais da educação que conduzem a práxis pedagógica, mas deixam de lado a discussão sobre as questões de gênero e diversidade no ambiente escolar. Os currículos, muitas vezes contemplam a demanda em seus planejamentos, mas não garantem na prática a experimentação do processo por parte dos alunos e da comunidade escolar. Os profissionais, sejam gestores ou professores, muitas vezes omitem, desconsideram ou impedem a discussão destes aspectos tão importantes para a educação. Estabelecer como meta para a escola o desenvolvimento anual de ações que contribuam para a reflexão da violência contra a mulher e foquem na formação de sujeitos capazes de reavaliarem suas ações que foram construídas social e historicamente, de modo a viabilizar novas possibilidades de se relacionar independente do sexo, orientadas pelo respeito às diferenças entre os seres humanos.

Por fim, toda a experiência como professora da EJA e do 3º ciclo, coordenadora pedagógica, professora comunitária da escola aberta nos fins de semana, coordenadora do projeto de teatro da escola por cinco anos, vice-diretora, diretora e gerente do centro cultural do bairro pela Fundação Municipal de Cultura me permite falar de experiências que tiveram pontos positivos na Escola. Vale ressaltar, as atividades desenvolvidas em 2013, quando conseguimos envolver estudantes do 7º e 8º anos do ensino fundamental para trabalhar a temática. Nesta época, participava da formação oferecida pela SMED através do Núcleo de Relações Étnico-Raciais e de Gênero e do Projeto Acervos Museológicos. Usamos a arte, a história e a literatura para falar do lugar social da mulher. Essa experiência foi gratificante e possibilitou repensar como os comportamentos são construídos. A participação dos meninos foi interessante à medida que demonstraram flexibilidade para o diálogo. Diferente de outras experiências que caracterizavam um comportamento machista observado em anos anteriores. É possível que a arte e os diversos debates tenham sensibilizado os olhares desses estudantes. A finalização do trabalho, através de uma performance da “Santa Ceia” realizada pelas adolescentes, além de premiada, foi apresentada para toda a comunidade escolar. Provocar mais uma vez nossos discentes, eis o caminho. Em anexo registros fotográficos de algumas

etapas do projeto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de Bibliotecas. **Padrão PUC Minas\ de normalização:** normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2006. Disponível em <<http://www.pucminas.br/biblioteca/>>

BELELI, Iara. Gênero. In: MISKOLCI, Richard (org.). **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCAR, 2010, pp. 57-73.

BERTOL, Carolina Esmanhoto. **Violência de Gênero e Enfrentamento ao Preconceito de Gênero**. Texto disponibilizado na plataforma de estudo do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, 2014.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Cadernos SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Org. Ricardo Henriques, Rogério Diniz Junqueira, Maria Elisa Almeida Brandt, Adelaid Chamusca. Ministério de Educação (MEC) Brasília-DF, maio de 2007.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **DIREITO À EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO DIREITOS HUMANOS**. Educ. Soc., Campinas, v. 33, nº120, p. 715-726, jul-set. 2012. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

CASTILLO -Martín, Márcia e Oliveira, Suely de. **Marcadas a Ferro** – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. 260p. 1. Violência contra a Mulher uma visão multidisciplinar. 2. Crime contra as Mulheres.

CIAME- <http://ciameflamengopbh.blogspot.com.br/> - Acesso em: 19/01/2013.

CONFÊNCIA GERAL SOBRE DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> - Acesso em: 19/01/2013.

Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW), 1979. Adotada pela Resolução 34/180 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 18/12/1979, ratificada pelo Brasil em 01/02/1984. Disponível em: http://compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/SPM2006_CEDAW_portugues.pdf. Acesso em 03/04/2015.

COSTA, Ana Alice. **GÊNERO, PODER E EMPODERAMENTO DAS MULHERES**. Mulher – NEIM/UFBA. In: *Mulher e Diversidade* – COMDIM, BH, 2015.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **O DIREITO À EDUCAÇÃO: Um campo de atuação do gestor educacional na escola**. Disponível em <<http://moodle3.mec.gov.br>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

DEBERT, Guita Grin e GREGORI, Maria Filomena. **Violência e Gênero: Novas propostas, velhos dilemas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 23 Nº. 66.

Declaração Universal dos Direitos Humanos –DUDH, 1948 . Disponível em <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>, acesso em 04/07/2015.

FICA Vivo - Programa do Governo do Controle de Homicídios https://www.seds.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=283&Itemid=117 - Acesso em: 19/01/2013.

Gênero, Poder e Empoderamento da Mulher. In: Mulher e Diversidade. Secretaria de Estados de Trabalho e Desenvolvimento Social de Minas Gerais – SEDESE. Subsecretaria de Direitos Humanos Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para Mulheres.

Grupo Cultural NUC -<http://www.guiaentradafranca.com.br/espacoG.php?idUrl=2361>. Acesso em: 10/01/2013.

IBGE Censo 2010-

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2204&id_pagina=1 - acesso em 23/02/2013.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 01/07/2015.

LEITE, Flávia Lana. **O Programa Fica Vivo - Uma análise sob a perspectiva do capital social.** Monografia apresentada ao Curso Superior de Administração. Fundação João Pinheiro, B.H., 2003.

LOPES, Alice Casimiro. **Discursos nas Políticas de Currículo.** UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. In: Currículo sem Fronteiras, v.6, n.2, pp. 33-52, Jul/Dez 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **A construção escolar da diferença.** In: _____. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, pp. 57-87.

MACHADO, Lia Zanotta - **Violência Doméstica contra as Mulheres no Brasil: Avanços e Desafios ao seu combate.** Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos Organização das Nações Unidas – ONU. Declaração e Programa de Ação sobre uma cultura de Paz (1999). Disponível em <http://www.comitepaz.org.br>. Acesso em 04/07/2015.

MOUFFE, Chantal. **A Cidadania Democrática e a Comunidade Política.** In O Regresso do Político. Lisboa: Gradiva, 1992, p. 59 a 68. Material selecionado e disponibilizado para o curso de Gênero e Diversidade na Escola, 2014.

NISKIER, Arnaldo. **LDB: a nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica/Arnaldo Niskier.** - Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

Pensar BH/Política Social, nº 20 - março de 2008. Belo Horizonte. Prefeitura de Belo Horizonte/Câmara Intersetorial de Políticas Sociais. 2008 – Trimestral 1. Política Social 2. Administração Pública 3. Prefeitura de Belo Horizonte.

Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, 2013/2015. Secretaria de Políticas para as mulheres. Brasília – DF.

Portal PBH - URBEL -

http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=ur&tax=7491&lang=pt_BR&pg=5580&taxp=0&idConteudo=16859&chPlc=16859 . Acesso em: 11/03/2013.

Portal PBH _ URBEL -

http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=ur&tax=8173&lang=pt_BR&pg=5580&taxp=0&idConteudo=39243&chPlc=39243 . Acesso e 11/03/2013.

Relações de Gênero: Algo natural ou construído?

Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=9891> . Acesso em 01/10/2015.

Relações de Gênero: Conhecer para combater o preconceito. Disponível em:

<http://www.buscajovem.org.br/espaco-do-educador/planosdeaula/cinco-abordagens-sobre-genero>. Acesso em 29/09/2015.

RIBEIRO, Álvaro Sebastião Teixeira. **Direitos Humanos e Diversidade da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do GDF**, 2015.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. **Um Roteiro de Visibilidade e Invisibilidade na Cidade**. In: Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, v.1, n.1, p. 185-196, jan. 2009.

SAFFIOTI, Heleieth, Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado e Violência**. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. 151p.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres - **Seminário de Capacitação para juízes, procuradores, promotores, advogados e delegados no Brasil** – 2006.

SILVA, Conceição Firmina Seixas. **A Escola e as Relações de Igualdade e Diferença**. Departamento de Estudos da Infância (DEDI) e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e a Adolescência Contemporâneas (NIPIAC) / UFRJ, 2014, p. 21e22.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**, 2011.

SMED – GCPF – Gerência da Coordenação da Política Pedagógica e de Formação Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual e Núcleo de Relações Étnico-Raciais. **Laboratório de Aprendizagem: Educação e Diversidade** – 2º Semestre de 2013.

Violência contra a mulher: quem ama não maltrata. Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/blogs/educacao-sexual/2014/11/13/violencia-contra-a-mulher-quem-ama-nao-maltrata/> . Acesso em 28/09/2015.

ANEXO I - INSTITUIÇÕES QUE INTEGRAM A REDE DE ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – Lista COMDIM

Coordenadorias Estadual e Municipais de Políticas Para as Mulheres (BH, Contagem, Lagoa Santa, Nova Lima e Sabará);

Centros de Referência (Benvinda; Bem me Quero; Centro Risoleta Neves);

Núcleo de Defesa da Mulher da Defensoria Pública (NUDEM);

Ministério Público (Promotoria da Mulher; Centro Apoio Operacional – CAO);

Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher (DEAM);

Tribunal de Justiça;

Conselhos de Direitos da Mulher (Nacional; Estadual e Municipal);

Secretaria Municipal de Saúde (Saúde da Mulher);

Polícia Militar (SPVD e Hospital Militar)

Consórcio Mulheres das Gerações e Casa Abrigo Sempre Viva;

Sociedade civil organizada/ ONG (ALBAM; MPM);

FAE/UFMG

Regional de Psicologia (CRP);

OAB – SEÇÃO MG; Conselho

Fórum de Mulheres do Mercosul;

SEDS (Mediação de Conflitos)

ANEXO II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezada Senhora

Leila Magela Ferreira

Diretora da Escola Municipal Israel Pinheiro

Gostaríamos de convidá-la a participar de nosso estudo “Construindo Olhares e Aprendizagens a partir das Relações de Gênero: a mulher protagonista da sua própria história”, que tem como objetivo trabalhar os processos de violência contra mulher, assim como, permitir a formação de estudantes capazes de valorizar a diversidade e se posicionando de forma responsável nos processos sociais, principalmente nos relacionados à questão de gênero.

A pesquisa, utilizando a metodologia de um Projeto de Intervenção Pedagógica, que consistirá na aplicação de atividades em sala de aula. Será conduzida dessa forma, pois pretendemos compreender o processo histórico dessas relações, esperando contribuir e intervir através das discussões referente à suposta inferioridade feminina segundo a orientação da publicação das Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, 2015, a qual aponta em seu conteúdo direções para o trabalho dos professores nas escolas.

Trata-se de um (a) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com foco na construção de uma proposta de Intervenção Pedagógica, desenvolvida por Marilene Nazaré Carlos de Oliveira e orientada pela Prof.^a Isabela Saraiva de Queiroz Doutor (a). _____, do curso ... PUCMINAS.

A qualquer momento da realização desse estudo qualquer participante/pesquisado ou o estabelecimento envolvido poderá receber os esclarecimentos adicionais que julgar necessários. Especificamente, nenhum nome, identificação de pessoas ou de locais interessa a esse estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins unicamente acadêmico-científicos e apresentados na forma de TCC, monografia ou artigo científico, não sendo utilizados para qualquer fim comercial.

Em caso de concordância com as considerações expostas, solicitamos que assine este “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” no local indicado abaixo. Desde já agradecemos sua colaboração e nos comprometemos com a disponibilização à instituição dos resultados obtidos nesta pesquisa, tornando-os acessíveis a todos os participantes.

Marilene Nazaré Carlos de Oliveira

Pesquisador (a)

Prof.^a. _____

Orientadora

Eu, _____, assino o termo de consentimento, após esclarecimento e concordância com os objetivos e condições da realização da pesquisa “Título do seu trabalho”, permitindo, também, que os resultados gerais deste estudo sejam divulgados sem a menção dos nomes dos pesquisados.

Belo Horizonte, 12 de novembro de 2015.

Qualquer dúvida ou maiores esclarecimentos, entrar em contato com os responsáveis pelo estudo:

e-mail: gde.ufmg@gmail.com **Telefone:** (31)3409-6287/6273 - Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola – GDE/UFMG. Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT - NUH/UFMG

ANEXO III – Registro fotográfico do Projeto Mulher Arte e Vida, desenvolvido na EMIP.

A produção de um vídeo registrando a performance baseada na Santa Ceia de Leonardo da Vinci e da Última Ceia de Rodrigo Buarque intitulada: Ceia Negra contracenada pelas adolescentes foi premiada através de uma votação realizada na cidade de Belo Horizonte.

Manifestação artística interdisciplinar que combinou com visitas aos Museus (CAP, Minas Gerais Vale), teatro, música, poesia, pesquisa e vídeo. Através de leitura de textos, vídeos e pesquisas, além de releituras artísticas foi possível trabalhar questões referentes à suposta inferioridade feminina. O objetivo era promover o respeito mútuo e reconhecimento das diferenças.

Participaram diretamente da performance, treze educandas, que desfilaram com roupas de seu cotidiano pela escola ao som da música de Chico Buarque: “Maria, Maria”, sendo filmadas por seus colegas.

Professoras responsáveis pela proposta:

Marilene Nazaré Carlos de Oliveira – Profª de História

Alexandra Chaves – Profª de Artes

Maria Giuseppa Peluso – Bibliotecária





ANEXO IV - SUGESTÕES DE ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA.

Site: <http://www.buscajovem.org.br/espaco-do-educador/planosdeaula/cinco-abordagens-sobre-genero-29/09/2015>.

É possível apresentar ao corpo docente algumas atividades para reflexão do trabalho que deverá ser realizado no interior da sala de aula e nos diversos espaços de aprendizagem escolar. Ao mesmo tempo abrir espaço para apresentação de sugestões e avaliação do material que poderá ser usado como conteúdo.

Metodologia

- Aula com imagens
- Leitura e interpretação de texto (artigos) e entrevistas
- Elaboração do material didático sobre o tema – resenhas e criação de painéis
- Apresentação de slides
- Concurso de Redação
- Mostra de arte
- Produção de um vídeo para apresentar na Semana de Arte e Cultura da Escola

Objetivo / Competências e Habilidades

- Ampliar o conceito de relações de gênero e cidadania, discutindo questões como respeito à diversidade.
- Desenvolver conteúdos criando possibilidades para sua produção ou construção, ensinando o aluno a refletir, estimulando sua capacidade criadora, respeitando seus saberes.
- Estabelecer uma ponte entre o conteúdo estudado e sua vida cotidiana por meio de estudos da história local.
- Promover o acesso a novas leituras sobre as relações de gênero ao longo do processo.

Ano do ciclo: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Israel Pinheiro.

Atividade 1 - TEMA: Relações de Gênero: Conhecer para combater o preconceito.

(Sugestão Revista Nova Escola) - Atividade sugerida no endereço abaixo. Pode ser adaptada para os alunos do segundo e terceiro ciclos
<http://www.buscajovem.org.br/espaco-do-educador/planosdeaula/cinco-abordagens-sobre-genero-29/09/2015>.

Plano de aula - Cinco abordagens sobre Gênero

Antes de realizar as atividades propostas, é recomendável a leitura do seguinte texto:

Introdução

Desde a primeira infância, meninos e meninas desenvolvem uma forte noção das diferentes expectativas sobre como devem se comportar e se relacionar com os outros. Estas noções são ensinadas e reforçadas por seus pares, família, mídia, escola e comunidade às quais pertencem, por meio de um processo complexo e dinâmico de socialização. Sofremos também, interferências de valores de acordo com a religião, classe social e etnia.

Desta maneira, nossa identidade vai sendo construída antes mesmo de nascermos. Durante a juventude, esta construção é uma das tarefas mais marcantes e cruciais para a transformação de um jovem em adulto. Este processo implica em questionar e dar um novo significado ao que a sociedade, a família e os pares dizem sobre o devemos ser, pensar e desejar para nós e para os outros.

A questão de gênero é importante porque estabelece expectativas culturais a respeito do que se espera de um homem e de uma mulher num determinado momento histórico. Então, se por um lado o gênero norteia a construção de nossas identidades, por outro pode gerar relações de poder no que se refere ao acesso de homens e mulheres aos recursos sociais, econômicos e ao poder de decisão nas relações interpessoais.

É também importante diferenciar as questões de gênero das de sexo e sexualidade. Sexo refere-se aos atributos e características biológicas que identificam uma pessoa como sendo homem ou mulher. Sexualidade é a expressão de nossos sentimentos, pensamentos e comportamentos relacionados a ser homem ou mulher, seja em relação ao amor ou ao sexo.

As questões de gênero são complexas e múltiplas, ou seja, variam de acordo com a cultura e o momento histórico, e permitem algumas adaptações para cada homem e cada mulher, a partir das histórias e escolhas particulares.

O trabalho com as questões de gênero com os jovens no mundo atual configura um desafio, porque os adultos trazem em suas identidades, marcas de outro tempo que, muitas vezes, entram em conflito com as referências dos jovens, provocando um desencontro. Além disso, estamos vivendo um momento de intensas transformações que, como qualquer crise, carrega um grande potencial de mudanças importantes, mas também muitas indefinições, incertezas e angústias.

Fazendo um breve panorama da realidade social, observamos pontos de vulnerabilidades e potencialidades tanto para os homens quanto para as mulheres.

As mulheres mantêm suas identidades dentro de normas clássicas, tais como: ser comportada, ter desejo de agradar, ser mais contida sexualmente, exercer tarefas mais ligadas ao cuidado dos outros, valorizar a maternidade. Ao mesmo tempo, estão assimilando novas conquistas de direitos ao trabalho fora de casa, ao poder de também ser provedora do lar e de maior autonomia sexual.

Os homens mantêm-se presos ao valor do lugar de provedor do lar, de trabalhar muito para ganhar mais dinheiro, de ter mais força física e ter sua sexualidade intensificada. Ao mesmo tempo, eles têm podido expressar mais suas emoções, dividir mais as tarefas do lar e dos cuidados com quem amam.

Estas adaptações não são fáceis e tem provocados efeitos preocupantes, inclusive, para a saúde pública. As mulheres, por exemplo, tem ficado hipertensas, estressadas e muito ansiosas para tentar dar conta de todas as expectativas; os homens tem se demonstrado mais deprimidos e inseguros, reagindo a isso com o “mergulho” no alcoolismo, em atitudes violentas, ou mesmo em depressões.

Percebe-se, portanto, uma crise de identidade de gênero e, nesse sentido, o trabalho com adolescentes não pode estabelecer respostas fechadas e definitivas do que é ser homem ou ser mulher.

Porém, pode ser fundamental para que no encontro entre adultos e jovens possam emergir novas possibilidades criativas e potentes que se fundamentem relações de cuidado e respeito entre homens e mulheres. Para isso, todos precisam se abrir para novas posições sociais, sem se prender em pré-conceitos, visando sempre à igualdade perante os direitos humanos, e a diferença perante as possibilidades diversas, dinâmicas e criativas de socialização e interação entre homens e mulheres.

Após a leitura do texto são propostas cinco atividades para educadores interessados em lidar com estas questões. Confira no link citado acima, o plano “Cinco abordagens de gênero”.

Objetivo: iniciar o trabalho com este tema “provocando” os adolescentes a expressarem o imaginário do grupo em relação às especificidades da mulher e do homem, para realizar uma reflexão crítica sobre traços da identidade de gênero que promovam a vulnerabilidade de meninos e meninas.

Materiais: Um desenho do contorno de um corpo masculino e outro de um corpo feminino, em tamanho natural, em um papel craft (peça para algum homem deitar sobre um papel craft e desenhe o contorno do seu corpo; faça o mesmo em outro papel com uma mulher); uma caneta para cada participante, uma lousa ou um painel.

Procedimento:

A - Comente com os jovens que irão trabalhar o tema “gênero”, o que significa abordar as demandas sociais sobre como deve ser a mulher e o homem. Diga que muitas vezes obedecemos estas demandas sem nos darmos conta, porque elas estão muito internalizadas por todos que nos cercam. Isto não quer dizer que são características naturais e imutáveis, por isso vocês trabalharão estas referências, analisando como as questões de gênero interferem na vida deles.

B - Aquecimento: peça para os meninos falarem tudo o que lhes vem à cabeça quando imaginam viver um dia de mulher: como ocupariam o tempo, o que mais iriam gostar de fazer, o que iriam sentir, com quem iriam se relacionar. Em seguida, faça as mesmas perguntas para as meninas responderem sobre um dia sendo homens. Deixe os jovens se manifestarem espontaneamente, e anote os dados na lousa como fonte de inspiração.:

C - Divida o grupo em dois subgrupos mistos. Se preferir deixe que eles se dividam por critério de afinidade para estimular o fluxo de ideias entre amigos. E entregue o molde do corpo feminino para um grupo, e o do corpo masculino para o outro.

D - Fale que um molde é de um corpo de uma mulher e outro de um homem.

E - Peça para que cada subgrupo escreva em cada parte do corpo destes moldes algumas palavras referentes às funções dela para a vida do homem ou da mulher (depende de qual molde o grupo estiver trabalhando). Pode ser uma função biológica como reprodução na parte dos genitais, e/ou simbólica como determinação na parte peitoral do molde.

F- Estimule os participantes a escreverem tudo que lhes vem à cabeça quando pensam nestas partes do corpo da mulher e do homem, explicando que não há certo ou errado.

G - Dê 20 minutos para eles realizarem esta atividade. Peça para que cada grupo conte para todos o que escreveu e anote tudo em um painel dividido em duas áreas: uma para as palavras relacionadas à mulher e outra para os homens.

Observação: Durante a exposição dos grupos tente analisar com os jovens as diferenças e as semelhanças de cada molde atentando para:

Cabeça: os pensamentos e uso da razão.

Braços e mãos: uso da força, violência, relação com os outros de carinho ou de abuso de poder.

Barriga: hipervalorização dos padrões de beleza (magreza e músculos), gravidez.

Genitais: exercício da sexualidade mais contido, ou mais exposto e incentivado.

Pernas e pés; potencial de ação, iniciativa, determinação.

Perguntas para discussão:

Como vocês resumiriam o perfil de uma mulher, baseando-se nas funções que mais apareceram no molde? E o perfil do homem?

Como a mulher expressa suas emoções? E os homens?

Qual a importância da obediência aos padrões estéticos para a mulher? E para o homem? Por que há diferença?

Como pensaram a sexualidade na vida de uma mulher e na do homem?

Observações:

Tente questionar estereótipos que levem aos pontos de vulnerabilidade para ambos os gêneros, por exemplo:

As mulheres são geralmente ligadas ao cuidado com os outros, cuidado com a beleza e ao ideal da maternidade e os homens tem seu valor focado exclusivamente numa postura pró-ativa, objetiva, visando o sucesso financeiro.

Comente que o fato da mulher ser mais cuidadosa só se transforma em qualidade de vida para ela se ela souber que também tem o direito de ser respeitada e cuidada pelas pessoas que ama.

Os homens também precisam poder ter outras qualidades como ser sensível, afetuoso e ajudar nas tarefas do lar, sem que isso os torne frágeis ou sem valor.

Esta oficina é introdutória, portanto esta discussão tem um caráter mais amplo e geral.

Atividade 2 - Relações amorosas

Objetivo: Explorar as expectativas de homens e mulheres para uma relação romântica e compreender como cada gênero lida com a sexualidade. 2.

Materiais necessários: Folhas de papel e lápis ou caneta para cada participante.

Procedimento:

Divida os jovens em grupos de duas a quatro pessoas; preferencialmente separados por gênero.

A - Explique que cada grupo deverá criar uma história de um casal que está na fase inicial de relacionamento. Pergunte: Como foi que eles se conheceram? Como cada um se comportou nestes primeiros momentos? Como eram os encontros? Como um tratava o outro? O que um mais gostava do outro?

B - Dê 15 minutos para os grupos discutirem e desenvolverem suas histórias.

C - Em seguida, peça para cada grupo repetir a atividade pensando em uma fase diferente da mesma relação amorosa. Pergunte: Como este casal está depois de 10 anos?

O que mudou? Quais são os papéis e expectativas do homem e da mulher?

D - Dê 15 minutos para os grupos discutirem e desenvolverem suas histórias.

E - Peça para cada grupo apresentar as histórias.

Perguntas para a discussão:

- Quais são as semelhanças entre as histórias contadas pelos subgrupos? Quais são as diferenças?
- Quais são os fatores positivos nos relacionamentos das histórias? Quais foram os negativos?
- Nestas histórias, os homens tem o mesmo poder de negociação em relação ao sexo, vida social, vida financeira que as mulheres? Quais as consequências da desigualdade de poder no relacionamento?
- O que uma mulher jovem espera de uma relação amorosa? É diferente do que o homem espera? Por quê? Como estas expectativas interferem na relação amorosa?
- Algumas pessoas acreditam que os homens devem tomar todas as iniciativas na relação, e as mulheres devem só responder a elas. Vocês concordam com isso?
- A mulher se preocupa mais com os padrões estéticos sentindo-se facilmente insatisfeita com seu corpo e com a possibilidade deste atrair o desejo do homem?
- Vocês acham que homem pensa mais em sexo que a mulher?

F- Após esta discussão com o grupo, busque fazer um resumo do que mais apareceu nas histórias relacionadas à posição do homem e da mulher numa relação amorosa, e questione os estereótipos e pontos muito repetitivos, tentando construir novas formas mais criativas e saudáveis para a relação.

Comentários:

Nas relações amorosas colocamos em prática nossas referências de papéis sociais para o homem e para a mulher, tanto na forma como nos comportamos quanto nas expectativas que temos para com quem estamos nos relacionando.

Por isso, é importante ajudar os jovens a perceberem que modelos estão repetindo, e se isso promove um relacionamento de respeito, com troca de afetos e vivências, comunicação e compreensão das necessidades e desejos uns dos outros. Por exemplo, é muito comum os jovens falarem que só os homens pensam em sexo e que a mulher tem de apenas reagir a esse desejo, aceitando ou não. Isto pode limitar o exercício espontâneo da sexualidade que toda mulher tem direito de viver. Além disso, cristaliza o homem em um lugar social de quem deve sempre pensar em sexo (caso contrário é considerado um fraco, sem valor).

Opcional: Se tiver mais tempo com o grupo ou quiser substituir esta atividade por outra, segue uma variação sobre a relação amorosa e Gênero.

Material: CD com a gravação da música “Feijoadinha Completa” de Chico Buarque de Hollanda e um aparelho de som, uma cópia da letra da música para cada jovem (está no final da descrição desta atividade); canetas hidrográficas; papel pardo; duas tiras com a palavra Mulher e duas com a palavra Homem escritas de modo a poderem ser vistas à distância.

Procedimento:

- 1- Distribua uma cópia da letra da música para cada jovem.
- 2- Ponha a música para todos escutarem juntos e peça para prestarem atenção no que a música diz sobre os comportamentos dos homens e das mulheres na relação.
- 3- Depois de escutarem a canção, proponha uma breve discussão. Aqui vão alguns pontos que podem ser debatidos:

- Do que fala a canção?
- Vocês já viveram ou conhecem alguém que já viveu algo semelhante?
- O que o marido da canção espera da sua mulher?
- Vocês acham que ela vai se divertir?
- Como vocês acham que irá terminar este almoço?

4- Diga aos jovens que vocês farão listas de atividades domésticas tradicionalmente realizadas por homens e mulheres. Para isso, utilize um papel pardo grande (ou uma lousa) e faça uma linha no meio de modo a dividir o espaço em duas colunas. Escreva as palavras **HOMEM** e **MULHER** no alto de cada coluna e, embaixo delas, anote o que os participantes vão dizer. As tarefas femininas vão ser facilmente lembradas, portanto, ajude-as a listar tarefas identificadas como masculinas também como consertar a torneira, fazer reparos, jogar o lixo etc. Depois que todos tiverem contribuído, leia as tarefas em voz alta.

A seguir, cubra as palavras **HOMEM** e **MULHER** trocando-as por **MULHER** e **HOMEM**, isto é, substitua a palavra mulher pela palavra homem e vice-versa. Então, pergunte aos participantes: e agora, será que essas tarefas poderiam ser realizadas dessa maneira? Se os participantes disserem que alguma coisa não pode ser feita pelo outro sexo, incentive-os a pensar sobre as razões. Vá sublinhando aqueles que poderiam ser feitos por ambos.

5- Reflita com os jovens sobre as diferenças entre ser homem e ser mulher em relação ao direito à vida social e ao dever de cuidar de tudo e de todos. Questione quais expectativas os homens e as mulheres têm um do outro em relação ao cuidado com o ambiente que dividem e com a vida do outro.

Feijoada Completa

Chico Buarque

Mulher

Você vai gostar

Tô levando uns amigos pra conversar

Eles vão com uma fome que nem me contem

Eles vão com uma sede de anteontem

Salta cerveja estupidamente gelada prum batalhão

E vamos botar água no feijão

Mulher

Não vá se afobar

Não tem que pôr a mesa, nem dá lugar

Ponha os pratos no chão, e o chão tá posto

E prepare as linguiças pro tira-gosto

Uca, açúcar, cumbuca de gelo, limão

E vamos botar água no feijão

Mulher

Você vai fritar

Um montão de torresmo pra acompanhar

Arroz branco, farofa e a malagueta

A laranja-bahia ou da seleta

Joga o paio, carne seca, toucinho no caldeirão

E vamos botar água no feijão

Mulher

Depois de salgar

Faça um bom refogado, que é pra engrossar

Aproveite a gordura da frigideira

Pra melhor temperar a couve mineira

Diz que tá dura, pendura a fatura no nosso irmão

E vamos botar água no feijão

Atividade 3 - Gênero e Família em debate

Objetivo: refletir sobre a função paterna, materna e fraterna, questionando relações de poder que estimulam a violência e abuso de poder entre a mulher e o homem.

Materiais necessários: nenhum

Procedimento:

1- Leia a situação-problema escrita abaixo para todos os jovens. Em seguida, divida-os entre dois grupos: um ficará encarregado de defender o pai da situação relatada, e o outro de criticá-

lo. Cada grupo deve discutir e levantar argumentos que justifiquem a sua opinião, mesmo que alguns não concordem com ela.

Situação-problema:

“O pai chega do trabalho muito cansado e entrega o dinheiro para a mulher comprar a “mistura” para o dia seguinte. Senta-se no sofá para ver um pouco de televisão e nesse momento sua filha de 15 anos e seu filho de 17 anos perguntam se podem ir a uma festa com seus amigos. O pai pergunta: Quem vai? Onde é a festa? A que horas vão voltar? A filha diz que vão todos os seus amigos da escola, inclusive a Claudinha, sua melhor amiga. O filho fala que vai a “mulherada” toda do bairro e seus amigos. Eles falam que a festa será uma grande “balada” que irá varar a madrugada. O pai balança a cabeça e fala que o filho poderá ir porque é menino, mais velho e sabe se cuidar, mas pede para a filha ver esta história com a mãe porque ele trabalhou o dia inteiro e ela, que passou o dia em casa com os filhos, poderá resolver estes problemas para ele.”

2 - Dê 20 minutos para a discussão e levantamento dos argumentos.

A - Explicita as regras para o debate: os dois grupos tiram na sorte quem terá o direito de começar. Um grupo terá o tempo que precisar para falar todos os argumentos de defesa da sua posição no debate e o outro grupo terá de escutar calado, mas poderá usar os argumentos que escutou para fundamentar ainda mais a sua defesa. Em seguida, o grupo que só escutou terá o mesmo direito a expor todos os seus argumentos, enquanto o outro o escuta.

B - Dê cinco minutos para cada grupo expor seus possíveis contra-argumentos.

C - Estimule a construção de argumentos antes e durante o debate com as seguintes questões:

- Na opinião de vocês, por que a filha foi conversar primeiro com o pai?
- Como vocês acham que a mãe costuma agir em relação ao marido e aos filhos, meninos e meninas?
- O que cada um teria de ceder para entrar em um acordo quanto à saída da filha?
- Como vocês acham que essa história terminou?
- E vocês, o que fariam no lugar desta menina? E do menino? E do pai? E da mãe?
- Nem sempre os adultos concordam entre si quanto à educação dos filhos. Nesses casos, o que você acha que devem fazer?
- O fato do pai trabalhar fora e da mãe assumir os cuidados domésticos faz com que ela tenha

mais responsabilidades na educação dos filhos, como demonstra o pai desta situação?

Comentários: A família é nosso primeiro grupo social, portanto, uma fonte primária e fundamental de transmissão de cultura. Durante a convivência familiar, aprendemos diversas regras de socialização, e isso não é diferente com as identidades de gênero. Muitas vezes, repetimos modelos de homem e mulher de acordo com o que sentimos, observamos e escutamos dos nossos pais. Repetimos sem nos dar conta, mesmo que muitas vezes estas posições sociais gerem muitos conflitos, relações violentas e empobrecidas, com pouca troca de saberes e afetos.

Cuide para não impor os seus valores, deixe que os adolescentes apresentem seus referenciais, e problematize toda vez que aparecerem pontos de vulnerabilidade; ou seja, quando aparecer desigualdade de direitos em relação à vida financeira, aos cuidados com a casa e com a família, a vida social.

Atividade 4 - Gênero e Mídia

Objetivo: Refletir sobre o papel da publicidade na formação de conceitos e atitude dos jovens.

Materiais necessários: revistas diversificadas de grande circulação, com ilustrações e propagandas.

Procedimento:

A - Divida a turma em grupos de três ou quatro pessoas. Distribua algumas revistas por grupo. Cada um deles deve escolher uma propaganda que contenha imagens associadas ao imaginário social do homem e da mulher (por exemplo: mulheres como uma garrafa de cerveja; homens ao lado de carros enormes e motos potentes; meninas com bonecas e meninos com carrinhos; homens em ambientes de trabalho; mulheres com materiais de limpeza ou comidas, etc)

Dê vinte minutos para cada grupo pesquisar as imagens nas revistas e conversarem sobre as seguintes questões:

- Que mensagem essa publicidade transmite do homem? E da mulher?
- Vocês se identificam com ela? Se não, quem vocês acham que poderia se identificar?
- Vocês acham que o fato de ser uma mulher ou um homem ligado aos devidos produtos e

ambientes facilita a venda e/ou o impacto da propaganda nos leitores? Por quê?

- Vocês acham que essas mulheres e homens que aparecem na mídia representam a maioria dos homens e mulheres que compõe a sociedade? Se não, quais são as diferenças?
- Que consequências estas imagens de homem e de mulher podem gerar na formação da identidade da população?
- Que modelos de mulher e de homem vocês gostariam de ver na publicidade?

B - Incentive os jovens a analisarem o material tanto na forma (cores, os personagens, padrões físicos, posturas, as cenas), quanto no conteúdo das imagens (os slogans ou textos). Circule pelos grupos para observar a discussão.

C - Peça que cada grupo apresente suas conclusões em uma conversa coletiva sobre o que analisaram em seus grupos.

Comentários: A análise de materiais publicitários é uma boa maneira de os jovens perceberem o papel da mídia em suas formações de identidade. Muitas destas expectativas sociais explicitadas na mídia deixam os jovens muito vulneráveis à frustração, pois estabelecem um ideal inatingível e diferente de suas realidades. Por exemplo: as mulheres que aparecem em peças publicitárias são loiras, magras, de olhos azuis, mas a maioria das mulheres brasileiras não é assim; os homens, por sua vez são valorizados pelos símbolos de poder financeiro, aparecendo sempre bem vestidos, trabalhando em grandes empresas, com carros caríssimos, mas a realidade de muitos também não é essa.

Refletir criticamente sobre se isso permite aos jovens a escolha de seguirem ou não os padrões sociais em relação à mulher e ao homem, exigidos pela sociedade naquela época, sem se sentirem fracassados ou impotentes.

Atividade 5- Modelos: ampliando nossa visão do que é ser mulher e do que é ser homem

Objetivos: Discutir como as atitudes, escolhas e projetos de vida de jovens são influenciados por relacionamentos com outras pessoas. E também favorecer a identificação dos jovens com pessoas que se destacam por suas virtudes.

Materiais necessários: Papéis e lápis ou canetas.

Procedimento:

A- Peça para cada participante pensar em uma pessoa com quem tem uma relação significativa e por quem sente admiração. Essa pessoa pode ser tanto alguém ligado à vida particular deles (parentes, amigos, professores) quanto uma celebridade. O importante é que ela seja lembrada como um exemplo de homem e mulher por possuir diversas qualidades que cada um priorizará.

B - Separe os participantes em pequenos subgrupos de três ou quatro jovens e peça para os integrantes de cada um falarem sobre seus personagens.

C - Cada subgrupo deve escolher apenas uma pessoa especial relatada para apresentar ao grupo todo.

D- Deixe que cada grupo apresente seu personagem, contando um pouco da sua história, suas qualidades e o motivo que levou o grupo a escolhê-lo como uma pessoa admirável e um modelo.

Questões para discussão:

- A maioria escolheu um modelo homem ou uma mulher?
- Quais as características admiráveis de uma mulher foram destacadas pelos subgrupos? E dos homens?
- Houve características muito contraditórias entre os modelos de homem dos subgrupos? E das mulheres?
- Se todas as mulheres e todos os homens fossem como esses modelos de referência para eles, o que mudaria no mundo e nas relações?
- O que esses modelos têm que eles gostariam de ter em si também? O que podem fazer para ser assim?

Comentários: esta atividade tem um caráter de fechamento, pois pode se beneficiar de todo trabalho anterior com as demais oficinas, incentivando os jovens a ampliarem as possibilidades de ser mulher, de ser homem e de manter relações criativas e respeitadas entre si. Bons modelos inspiram muitas pessoas, mas os jovens, sobretudo, necessitam de referenciais e exemplos positivos. Valores e princípios sólidos contribuem para a construção de personalidade. Esse é um bom momento para discutir e questionar os valores e partilhá-los no grupo. Você também pode participar com seus exemplos. Este plano de aula foi elaborado pela coordenadora do Núcleo “Mundo Jovem”, da Fundação Tide Setubal, Viviane Hercowitz com base na experiência do programa Mundo Jovem, realizado pela Fundação em São Miguel

Paulista, desde 2006.

ANEXO V – Sugestão de atividades

Site: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=9891>

Aula - Relações de gênero: Algo natural ou construído?

Autor e Coautor(es)

Sandro Prado Santos e Cláudia Regina M. G. Fernandes

UBERLANDIA - MG ESC DE EDUCACAO BASICA

Estrutura Curricular

Modalidade de ensino: Ensino Fundamental Final

Componente Curricular: Orientação Sexual

Tema: Relações de Gênero

Dados da Aula: O que o aluno poderá aprender com esta aula

Promover o debate e o diálogo dessa temática talvez represente um caminho próspero na desconstrução de preconceitos de gênero e contribuindo para a construção de novos modelos de relação entre homens e mulheres pautados em princípios de igualdade e justiça. Além disso, o/a aluno/a, por meio desta aula, aprenderá que as diferenças dos “papéis” sexuais só poderão ser compreendidas conforme o contexto sociocultural em que se manifesta. Desta forma, a proposta trará a possibilidade de colocar em discussão as relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres, posicionando-os como desiguais em suas possíveis e múltiplas diferenças.

Duração das atividades

01 aula (50 minutos)

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno: Não há necessidade de requisitos prévios.

Estratégias e recursos da aula

Atividade 1:

Problematização: Professor, inicialmente faça um levantamento das concepções dos alunos acerca das relações de gênero. Para isso, utilize as problematizações dadas a seguir.

- Uma menina jogar futebol causa tanto estranhamento quanto um menino brincar de boneca ou de casinha em meio às panelinhas e o mini-fogão?
- Existe uma maior concentração de homem em áreas como engenharia, informática, enquanto as mulheres se concentram em atividades de ensino e cuidado.



Figura 1: Relações de Gênero

Fonte: www.asseec.org.br/images/fotos/genero.jpg

Alguns apontamentos teóricos sobre as relações de gênero...

Os diferentes sistemas de gênero – masculino e feminino – e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência de uma construção cultural, e não de diferenças naturais instaladas nos corpos de homens e mulheres. O conceito de gênero foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social do sexo anatômico, tomando como parâmetro a existência de machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Todos nós, em algum momento da vida, já nos inquietamos para tentar compreender o porquê de tantas desigualdades entre homens e mulheres, expressas nas mais diversas situações. Não faltam exemplos demonstrativos de que a hierarquia de gênero, em diferentes contextos sociais, é em favor do masculino. De onde vêm as afirmações de que as mulheres são mais sensíveis e menos capazes para o comando?



Figura 2: Ser Menina



Figura 3: Ser Menino

Fonte: Figura 2: http://1.bp.blogspot.com/_i7cZcYz-gfI/SkYaT_ud4hI/AAAAAAAAAKVo/VL5DE-tNyF4/s400/menino+e+gato.bmp.

Fonte: Figura 3: <http://acertodecontas.blog.br/wp-content/uploads/2008/06/futebol.jpg>

Atividade 2: Dinâmica - Por que tanta diferença?

(Dinâmica adaptada do livro intitulado Manual do multiplicador: adolescente – Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS – Brasília: Ministério da Saúde, 1997).

O que o professor irá precisar:

Sala ampla, folhas de papel sulfite, canetas, cartolinas ou papel manilha.

O que o professor precisará fazer:

1- Dividir os participantes em 6 grupos:

- 3 grupos do sexo masculino;
- 3 grupos do sexo feminino;

2- Solicitar aos três grupos do sexo masculino a discutirem em subgrupos:

- As vantagens de ser mulher;
- As desvantagens de ser mulher;

3- Solicitar aos três grupos do sexo feminino discutirem em subgrupos:

- As vantagens de ser homem;

- As desvantagens de ser homem.

Após a discussão, deverão preparar uma lista com as referidas vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher, utilizando os materiais elencados anteriormente.

4- Após a montagem da listagem, cada grupo apresenta seus resultados.

Observação:

Nessa dinâmica de grupo, é proposital que os garotos pensem sobre as vantagens, e, às desvantagens de ser mulher e vice-versa. Durante a discussão é essencial a mediação do (a) professor (a), apontando as questões teóricas e direcionando as reflexões.

Explorando a dinâmica - Pontos para a discussão:

- Vocês acham que meninas e meninos, mulheres e homens, são tratados de maneiras diferentes na escola e na sociedade?
- Quais das vantagens de ser homem ou mulher são reais e quais são estereotipadas?
- Como essas diferenças são vistas em outras sociedades?
- Qual a origem dessas diferenças?
- Como essas diferenças afetam a vida dos homens e das mulheres?

Sites para consulta do professor:

Educação on line – <http://www.educacaoonline.pro.br>, onde o professor/a pode realizar uma busca utilizando a palavra gênero. Ali encontrará textos acessíveis sobre diversos temas educacionais, incluindo a temática das relações de gênero.

No link abaixo terá acesso a um material rico que discute as relações de gênero na escola a partir de conceitos e preconceitos.

Disponível em: <<http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/grupos/genero/arquivos/G&E1.pdf>>.

Livro – Útil para refletir sobre gênero no cotidiano escolar

AUAD, Daniela. **Educar Meninas e Meninos**: relações de gênero na escola. Editora Contexto.

Avaliação

A avaliação poderá ser feita por meio da observação e do aproveitamento dos alunos durante a atividade de grupo e as discussões desenvolvidas.

ANEXO VI – Sugestão de atividades

Pesquisa no site: <http://revistaescola.abril.com.br/blogs/educacao-sexual/2014/11/13/violencia-contra-a-mulher-quem-ama-nao-maltrata/> - 28/09/2015

Tema: Violência contra a mulher: quem ama não maltrata EJA e 9º ano.

Corpo, Saúde e Sexualidade

Sete em cada dez mulheres sofreram ou sofrerão algum tipo de violência ao longo de suas vidas, segundo [a Organização das Nações Unidas \(ONU\)](#). Diferentemente do que se pode imaginar, a violência de gênero, não é exclusiva dos adultos. Estudos do Banco Mundial mostram que é muito mais provável, em todo o mundo, uma mulher entre 15 e 44 anos sofrer esse tipo de violência do que de ter câncer, malária, ou se envolver em acidentes de trânsito.

A violência contra mulher origina-se na desigualdade de gênero. A ideia machista de que as mulheres são seres com menos direitos fundamentaria a submissão delas às vontades e desejos dos homens. Infelizmente, este debate é mais atual do que nunca. Nesta semana, uma petição ganhou notoriedade na internet ao pedir que a Polícia Federal brasileira negue a entrada do suíço Julien Blanc, que vem ao Brasil em 2015 para ministrar palestras sobre “como pegar mulheres”. Apertar os pescoços das mulheres ou colocar seus rostos à força em direção à virilha dele são algumas das “táticas” ensinadas. É por essas e tantas outras razões que esse tema precisa ser abordado na Educação Sexual.

Tudo pode começar de forma muito sutil: o namorado demonstra ciúmes, marca em cima... São atitudes que aos olhos de quem está apaixonada podem parecer grosserias à toa ou até mesmo provas de amor. Até que um dia ele puxa o braço da garota com mais força e a machuca. Será que a menina não precisa ficar esperta e cair fora desse relacionamento?

Se uma aluna chega à escola com uma mancha roxa no braço, o educador deve intervir e conversar em particular com a aluna para descobrir o que houve e, caso se confirme a violência, analisar juntos os prós e contras desse relacionamento e como a menina pode buscar ajuda. A **Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres** colocou à disposição da população um canal de telefone para denunciar a violência doméstica e receber atendimento – número é o 180.

No entanto, mais importante do que oferecer assistência às alunas que sofrem esse tipo de violência é fazer um trabalho de prevenção com todos os alunos, meninas e meninos. Não

precisamos esperar acontecer uma tragédia para trazer esse tema à sala de aula. É fundamental que os alunos entendam que quem ama não maltrata.

Meninos e meninas precisam saber que ninguém é propriedade de ninguém. Nós estamos em pleno século 21, a mulher já conquistou vários direitos, entre eles o de não ser tratada como propriedade de alguém. É inadmissível que em nome do amor, ou desse sentimento de propriedade, um homem agrida uma mulher. Desde 2010 a [Lei Maria da Penha](#) garante esse direito às mulheres. Isso precisa ser divulgado, trabalhado e analisado desde a adolescência.

Lei Maria da Penha

Essa lei homenageia a biofarmacêutica **Maria da Penha Maia Fernandes**, que ficou paraplégica depois de levar um tiro do próprio marido enquanto dormia e conseguiu, depois de lutar por 20 anos, que ele fosse condenado. Além de criar em todos os estados um **juizado especial** de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, a Lei Maria da Penha alterou o Código Penal, permitindo, principalmente, que agressores sejam presos em flagrante ou tenham a prisão preventiva decretada. A lei também traz uma série de medidas para proteger a mulher agredida, que está em situação de agressão ou cuja vida corre riscos. Essa lei protege as mulheres em relacionamentos estáveis ou eventuais, como o namoro e o ficar.

Sugestão de trabalho na sala de aula

1ª etapa

Inicie o trabalho dizendo aos alunos que fará um trabalho muito especial para ambos os sexos, embora aparentemente, pareça favorecer apenas as mulheres. E anuncie o tema: violência contra a mulher.

Pergunte se eles já ouviram falar de alguma situação em que essa violência aconteceu, e pede que contem as formas de violência de que já ouviram falar.

Em seguida, complemente que as formas de violência mais comuns variam da agressão física mais branda (**tapas e empurrões**), seguida pela violência psíquica (**xingamentos**, ofensas à conduta moral da mulher) e a **ameaça** (**coisas quebradas, roupas rasgadas, objetos atirados** e outras formas indiretas de agressão).

2ª etapa

Divida os alunos em quatro grupos, distribua uma folha de papel sulfite para cada e peça que eles criem uma história sobre uma situação que eles julguem ter havido uma violência por parte do namorado contra sua namorada, relatando o contexto em que tudo aconteceu.

Em seguida, recolha as histórias e passe para o grupo seguinte, de tal forma que nenhum

grupo fique com sua própria história. Diga aos alunos que eles serão advogados e receberão o caso para analisar e julgar se houve uma violência contra a mulher e quais as medidas que deveriam ser tomadas.

3ª etapa

Depois que o trabalho estiver pronto, os grupos devem apresentar para a classe. Faça as complementações necessárias para a compreensão de que essas atitudes são consideradas crime e então apresente a Lei Maria da Penha. Mostre aos alunos que, além de não praticarem essa violência, é muito importante que os meninos se unam às meninas para apoiá-las na prevenção dessas situações. E que as meninas precisam aprender a não serem condescendentes.

Explique que quando a garota perceber que está sendo agredida, mesmo que seja um “mau jeito”, ela não deve aceitar e precisa fazer algo a respeito. Qualquer tipo de violência deve ser repudiado! Ninguém deve aceitar ou tentar justificar o ato do outro que lhe traz dor, sofrimento ou constrangimento. Muito menos, quando isso ocorre por que o homem quer demonstrar sua superioridade.

Várias culturas estimulam e confirmam essa violência no seu dia a dia como uma forma natural de comportamento, o que torna mais difícil o seu combate e a gravidade deste problema. Alerta suas alunas! Diga claramente e sem medo para elas: isto não é amor, é violação dos direitos humanos.

Você já conversou sobre esse tema? Experimente falar com seus alunos.

TAGS: Direitos Humanos, Maria da Penha, Sexismo, Violência.

ANEXO VII

Além das aulas sugeridas existe um número significativo de atividades na internet que podem ser pesquisadas, adaptadas e trabalhadas pelos professores:

Recomendado:

Site: <http://pt.slideshare.net/ariadnemonitoria/aula-6-adolescncia-e-relaes-de-gnero>

1 - <http://pt.slideshare.net/FlviaCunhaLima/relaes-de-genero-e-divers-sexual?related=1>

Relações de Gênero -

Flávia Cunha Lima

2- <http://pt.slideshare.net/pstec25/t-03-genero?related=1>

Corpo, gênero e sexualidade - Educando para a diversidade

Silvana Vilodre Goellner

3- <http://pt.slideshare.net/shoujofan/minicurso-racismos-relaes-de-gnero-e-ideologias-politicas-nas-histrias-em-quadrinhos-perspectivas-de-ensino-e-pesquisa-parte-2?related=1>

Minicurso: Racismos, Relações de Gênero e Ideologias Políticas nas Histórias em Quadrinhos: perspectivas de ensino e pesquisa - Parte 2

4- <http://pt.slideshare.net/ariadnemonitoria/aula-6-adolescncia-e-relaes-de-gnero?related=>

Adolescência e relações de gênero.

Filmes: Cinema Comentado

- **O Sorriso de Monalisa** - Filme de Mike Newell - dirigido por Mike Newell e escrito por Lawrence Konner e Mark Rosenthal.
- **O Silêncio dos Inocentes** - Dirigido por Jonathan Demme.
- **Preciosa** – Do produtor e diretor Lee Daniels.